



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Fernando Ferreira Mello

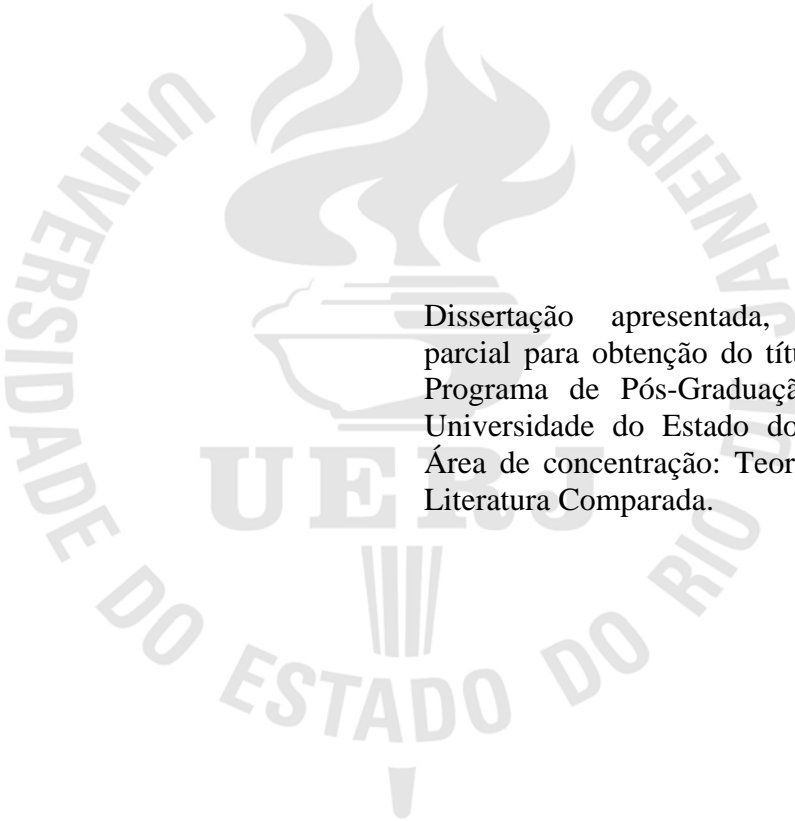
**Futebol e cultura de massa em “Maracanã, adeus - onze contos de futebol”:
sociedade brasileira pós-64**

Rio de Janeiro

2014

Fernando Ferreira Mello

Futebol e cultura de massa em “Maracanã, adeus - onze contos de futebol”: sociedade brasileira pós-64



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Amós Coelho da Silva

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEHB

M527 Mello, Fernando Ferreira.
Futebol e cultura de massa em “Maracanã, adeus: onze contos de futebol”: sociedade brasileira pós-64 / Fernando Ferreira Mello. – 2014.
74 f.

Orientador: Amós Coelho da Silva.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Literatura moderna brasileira – História e crítica – Teses. 2. Coutinho, Edilberto, 1933-1995 - Teses. 3. Coutinho, Edilberto, 1933-1995. Maracanã, adeus: onze contos de futebol – Teses. 4. Futebol – Aspectos políticos – Teses. 5. Futebol – Aspectos sociais – Teses. 6. Futebol na literatura – Teses. 7. Contos brasileiros – História e crítica - Teses. 8. Poder (Ciências sociais) na literatura - Teses. 9. Cultura popular – Aspectos sociais – Brasil – Teses. 10. Brasil – História – 1964-1985 – Teses. I. Silva, Amós Coelho da, 1943- II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)19”

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fernando Ferreira Mello

**Futebol e cultura de massa em “Maracanã, adeus - onze contos de futebol”:
sociedade brasileira pós-64**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Aprovada em 24 de novembro de 2014

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Amós Coelho da Silva (Orientador)

Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques

Instituto de Letras – UERJ

Rio de Janeiro

2014

DEDICATÓRIA

À minha esposa, por ter suportado a minha ausência e minha dedicação aos estudos, permanecendo ao meu lado. E ao meu filho, minha grande alegria.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A toda a minha família. De forma especial, à Teresa de Oliveira, por todo o auxílio.

Ao professor Amós Coelho da Silva pela orientação precisa, o apoio e as palavras incentivadoras, sem as quais essa dissertação não seria possível.

Aos professores integrantes da Banca de Exame desta dissertação,

Ao professor Jorge Neres por me recomendar a leitura de *Maracanã, Adeus*.

À Arienir Ribeiro de Miranda, pela sua generosidade e por todo o auxílio prestado.

Ao Programa de Pós-Graduação da UERJ e a todos os professores que fizeram parte desse caminhar.

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.

Gilberto Freyre

RESUMO

MELLO, Fernando Ferreira. *Futebol e cultura de massa em “Maracanã, adeus – onze contos de futebol”*: sociedade brasileira pós-64. 2014. 74 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

O presente trabalho se propõe a analisar a leitura sociocultural do Brasil pós-64 feita por Edilberto Coutinho através das narrativas do livro *Maracanã, Adeus* e, tendo como base os postulados mais recentes da Teoria da Literatura, procurar identificar as contribuições literárias, históricas, sociológicas e antropológicas deixadas pelo autor em sua narrativa. O estudo procurará demonstrar determinadas minúcias do comportamento do brasileiro e de sua sociedade pelo viés futebolístico, pensando o futebol como Esporte Nacional e elemento dessa cultura. Procurará também apresentar mecanismos de controle social e cultural exercidos durante esse período pelos governos militares e, principalmente, a maneira escolhida pelo escritor para apresentar esse poder. Esta pesquisa privilegia o estudo das técnicas contemporâneas de escrever e das possíveis inovações estilísticas introduzidas no conjunto dos contos e busca contextualizar a escolha do autor pelo conto enquanto gênero literário. E com todo rigor científico comprovar a importância de Edilberto Coutinho no cenário literário brasileiro.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea. História. Brasil Pós-64. Poder. Futebol. Cultura.

Edilberto Coutinho.

ABSTRACT

MELLO, Fernando Ferreira. *Soccer and mass culture in “By,by, soccer - eleven football stories”*: Brazilian society post-64. 2014. 74 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

The present work proposes to analyse the reading sociocultural of Brazil post64 done by Edilberto Coutinho through the narratives of the book *By, by Soccer* and, having like a base the most recent postulates of the Theory of Literature, look for identify the literary contributions, historical, sociological and anthropological left by the author in his narrative. The study will look for to show determinate minúcias of the Brazilian and of his society by the soccer bias, thinking the soccer like National Sport and element of his culture. It will look for also present mechanisms of social and cultural control exerted during this period by military governments and, mainly, the way chosen by the writer to present this power. This investigation privilegia the study of the contemporary technicians to white and of the possible stylistic innovations entered in the group of the tales and research contextualise the election of the author by the tale while literary gender. And with all scientific rigour check the importance of Edilberto Coutinho in the literary stage Brazilian.

Keywords: Contemporary Literature. History. Brazil-post 64. Power. Soccer. Culture.
Edilberto Coutinho.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	ESPORTE E SUAS MANIFESTAÇÕES	16
1.1	Os jogos na Grécia	16
1.1.1	<u>Jogos Olímpicos</u>	20
1.1.2	<u>Jogos Píticos</u>	20
1.1.3	<u>Jogos Ístmico</u>	20
1.1.4	<u>Jogos Nemeus</u>	21
1.1.5	<u>As Panateneias</u>	21
1.2	Os jogos romanos	21
1.3	A origem do futebol do mundo	23
1.4	Futebol no Brasil	25
1.5	Manifestações políticas no futebol	26
1.6	Futebol na literatura	27
2	CULTURA DE MASSA NO FUTEBOL	34
2.1	Ludicidade e cultura de massa	34
2.2	Tipos humanos em <i>Maracanã, adeus</i>	40
2.2.1	<u>O jogador</u>	41
2.2.2	<u>O politico</u>	43
2.2.3	<u>A mulher moderna</u>	44
2.2.4	<u>O reporter</u>	45
3	CULTURA, FUTEBOL E PODER	47

3.1	Narrativas de violência	49
3.2	Análise de dois contos: <i>Eleitorado, ou e Mulher na jogada</i>	51
3.2.1	<u>Eleitorado, ou</u>	52
3.2.2	<u>Mulher na jogada</u>	54
4	UM CONCEITO LITERÁRIO EM MARACANÃ, ADEUS	57
4.1	Edilberto Coutinho e sua obra	57
4.2	O gênero conto e Edilberto Coutinho	62
	CONCLUSÕES	66
	REFERÊNCIAS	69
	APÊNDICE	74

INTRODUÇÃO

O tema da presente dissertação é o estudo das relações do poder e cultura de massa nos contos de *Maracanã, Adeus* (1981), do escritor brasileiro Edilberto Coutinho (1938-1995). Trata-se de textos pouco conhecidos no Brasil, apesar de reconhecidos internacionalmente, fato que motivou bastante a realização deste trabalho.

Não se pretende através dessa pesquisa realizar uma análise meramente factual da obra, mas relacioná-la à história percebendo a maneira como reconstrói o discurso montado pelo Poder expondo-o para que sejam conhecidas as técnicas de dominação utilizadas durante o período rememorado pelos contos. No entanto, é importante manter uma visão holística sobre os textos uma vez que eles dialogam constantemente com a cultura popular e com diversos autores consagrados como Mário de Andrade, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues, Pablo Neruda, Rimbaud, Hemingway, entre outros. Este estudo procurará apontar alguns procedimentos literários usados pelo autor e como eles se identificam com a temática proposta no conjunto narrativo. Contudo, é importante ressaltar que não se intenta, na presente pesquisa, esgotar nenhum dos pontos anteriormente mencionados por considerar impossível elucidar completamente todos os conceitos através de um único trabalho. O que se pretende é realizar considerações importantes sobre o assunto em questão.

A elaboração deste trabalho atende a necessidade de estudar e construir obras críticas a respeito de autores da literatura contemporânea. E, por isso, ao analisar *Maracanã, Adeus*, procurou-se compreender as contribuições literárias, históricas, sociológicas e antropológicas deixadas por Edilberto Coutinho. Uma vez que o autor e sua obra foram pouco estudados até o presente momento, constituiu-se uma tarefa importante realizar um trabalho de pesquisa e análise científica que venha corroborar a qualidade dos contos.

Edilberto Coutinho foi o primeiro brasileiro a receber o importante prêmio *Casa de Las Américas*, de Havana, em 1979, pelo livro de contos: *Maracanã, Adeus*. Com este livro, o autor também ganhou o Prêmio Afonso Arinos – Melhor Livro de Contos – atribuído pela Academia Brasileira de Letras, em 1981. Neste volume de 11 contos, ele penetra em meandros da sociedade brasileira, através da cultura futebolística no Brasil, a fim de denunciar a manipulação das massas populares pela elite socioeconômica e, ainda, descobrir os preconceitos disfarçados da sociedade. E, paralelamente, construiu uma pintura sobre o folclore e a magia esportiva, além de registrar pelo ângulo da ficção características do brasileiro cidadão.

A evolução do futebol no Brasil é descrita desde sua origem aristocrática até o período ditatorial quando já era o esporte nacional. O autor era um grande admirador do jogo, contudo considerava-o uma arma de controle populacional durante aquele período histórico. E como conseguiu perceber esse aspecto do futebol, passou também a utilizar o artifício do jogo construindo uma narrativa esportiva que refizesse o discurso oficial. Os contos do livro *Maracanã, Adeus* apresentam o cotidiano do brasileiro com a mesma emoção de uma partida de futebol, apresentando os jogadores, os espectadores e também os bastidores do jogo. Em cada história há reflexos de alegrias e decepções próprias do esporte no Brasil como acentuou o crítico Jorge de Sá.

Coutinho escreveu para observar e documentar, pelo ângulo da ficção, um dos paradoxos do futebol: a alegria proporcionada pelo jogo oferece apenas a ilusão da felicidade, embora todo o Maracanã parece explodir no brevíssimo instante de um gol. Neste momento, os relógios perdem a sua lógica e a eternidade nasce dos pés de um craque, colocando-se ao alcance das mãos de toda a plateia, gratificada e entorpecida, afastada de seus problemas. Acontece, porém que o espetáculo foi habilmente montado por mãos poderosas que tiram do esporte a sua condição lúdica e a sua força de prazer para transformá-lo em mais um mecanismo de controle do comportamento humano (SÁ, 1984, p. 31).

Ao longo de toda a narrativa, a dialética entre o caráter lúdico do jogo e o aproveitamento político do espetáculo leva a temática dos contos a uma esfera mais profunda de conhecimento já que, enquanto obras de arte, cada conto oferece respostas importantes para as questões da vida. Não que o autor pretendesse estabelecer um axioma, pelo contrário, os textos se mantêm em condição aberta de leitura.

No contexto da literatura contemporânea brasileira é possível situar Edilberto Coutinho no grupo de escritores que lutam contra o autoritarismo e o controle social. Também se pode afirmar que ele segue os influxos da produção literária do período, não estando aprisionado a formas e formalidades, sendo, pelo contrário, um grande defensor do discurso livre, que se configura por uma escrita ampla em possibilidades estruturais e de exegese. A própria escolha dessa modalidade de expressão evidencia, além de sua participação em um projeto linguístico de quebra das barreiras e paradigmas formais de escrever, a sua luta contra a imposição de regras à sociedade.

Nesse sentido, a narrativa de Edilberto Coutinho faz parte do movimento literário pós-moderno por dar um tratamento diferenciado ao tema histórico. Uma característica muito demarcada desses contos que ajuda a entender como estão relacionados à história é o tom documental e jornalístico de alguns dos textos. De certa forma, isso faz de cada conto um relato histórico sobre a ditadura militar, uma vez que há várias informações a respeito do período, as quais naquele momento não eram apresentadas pela historiografia oficial, como

aponta André Trouche quanto à narrativa histórica: “apresenta uma sensível unidade construída a partir de uma atitude estrutural comum de transferir à ficção o resgate e o questionamento da experiência histórica” (TROUCHE, 2006, p. 44). Há também, no décimo conto, chamado *Mulher na Jogada* o que se pode chamar de testemunho ficcional já que são evocadas personalidades históricas em meio à ficção para apresentarem seus relatos. Assim, segundo Silviano Santiago, *os contos de Edilberto Coutinho servem tanto para colocar de maneira exemplar como para discutir exaustivamente uma das questões básicas sobre o narrador na pós-modernidade* (SANTIAGO, 1989, p. 38).

A respeito de *Maracanã, adeus*, o poeta Franco Maria Jasiello diz que é *uma obra-prima desta literatura luso-brasileira, que nos reserva surpresas como Eça de Queiroz, Machado de Assis, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa e, agora, Edilberto Coutinho*. Já o escritor Nei Leandro de Castro disse que *Coutinho entra, sem nenhum pistolão, para o time dos melhores contistas do país: Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles, Pellegrino Jr., e outros poucos eleitos* (COUTINHO, 1983, p. 63).

A dicotomia anteriormente mencionada foi comentada por Lygia Fagundes Telles ao falar de *Maracanã, Adeus* como sendo, concomitantemente, *a poesia dos delirantes e dos lúcidos, contendo a linguagem da paixão e a paixão da linguagem* (SÁ, 1984, p. 92). E Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça, em artigo para a Academia Brasileira de Letras, disse que *nos últimos anos, o escritor mais afinado com futebol era o pernambucanizado Edilberto Coutinho*.

Já o Dicionário Eletrônico de Termos Literários de Carlos Ceia, professor da Universidade Nova de Lisboa, quando trata do verbete “conto” menciona Edilberto Coutinho como parte de um grupo de destaque na escrita moderna ou pós-moderna.

A produção de contos no Brasil, nestes anos 60/90 (apesar da grande voga do romance) tem sido expressiva, seja em qualidade, seja na diversificação de temas, estilos e problemáticas, seja como fusão das várias propostas modernas ou pós-modernas com o modo de ser brasileiro. Destacam-se, nessa produção: Adélia Prado, Ana Maria Martins, Bernardo Élis, Dalton Trevisan, Edilberto Coutinho, Hermilo Borba Filho, Hilda Hilst, João António, Julieta Godoy Ladeira, Luiz Vilela, Márcia Denser, Marcos Rey, Marina Colasanti, Miguel Jorge, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Ricardo Ramos, Victor Giudice ... (CEIA, CONTO, DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS).

O norte-americano Malcolm Silverman, crítico literário e professor do Departamento de Espanhol, Português, Linguagens e Literaturas do *College of Arts and Letters* da Universidade Estadual de San Diego, destaca que *Edilberto Coutinho põe a nu – num*

estilo que mistura reportagem jornalística e sondagem psicológica – toda uma problemática (sub)cultural e socioeconômica (SILVERMAN, 1985, p. 321).

E devido a relevância dos prêmios recebidos e das críticas elogiosas mas, principalmente, à indiscutível qualidade dos contos do autor paraibano, que seus textos, ainda na década de 1980, foram traduzidos para diversos países como Argentina, Estados Unidos, União Soviética, Alemanha, Bulgária, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Espanha, Colômbia, Venezuela, Cuba, Nova Zelândia, Inglaterra e França (COUTINHO, 1992, p. 136).

O texto de Edilberto Coutinho apresenta um lirismo lúdico e sóbrio. Nele o futebol serve como uma metáfora da cultura popular brasileira, das complexidades políticas do país e dos problemas sociais enfrentados em solo brasileiro. Embora o contexto dessas histórias seja decididamente brasileiro, os temas de resistência e determinação são universais.

Pode-se associar todo esse conceito artístico e a temática das narrativas à descrição realizada por Michel Foucault das sociedades disciplinares uma vez que o conjunto dos contos revela um processo de vigilância aproximado ao panoptismo e bastante utilizado pelo regime militar através de seu sistema de informação. A transformação do indivíduo em objeto manipulável pela supremacia do poder dominante através de uma estrutura de controle disseminada pelo corpo social foi apontada por Foucault como uma das características dessa chamada sociedade disciplinar, assim como a contraposição sempre presente na história do poder que se manifestou de forma especial na história do esporte desde a antiguidade até os dias atuais.

Há uma identificação do conceito foucaultiano de história e controle social com os textos de Edilberto Coutinho: a existência de uma tentativa de dominação que se exercia pela força, mas também por vários mecanismos de manipulação maciça da população; um sistema que procurava homogeneizar um povo culturalmente híbrido e, por causa dessa preocupação, classificar as diferenças. Nesse sentido, os contos de *Maracanã*, *Adeus* apresentam a voz das chamadas minorias oprimidas pelo preconceito construído e espalhado na sociedade ou, como conceitua Linda Hutcheon, dão voz às personagens *ex-cêntricas*, apresentando uma ideia de país plural. A participação do negro, da mulher e do homossexual nos contos é legítima tanto na esfera cultural como na esfera social; normalmente, é através desses personagens que se dá a inversão e as trocas do fluxo de poder. Porém, não esconde a pressão sofrida por esses grupos durante um período de rigidez nas instituições e no pensamento.

É, por isso, também, que esses contos se apresentam pela forma de hibridismo textual. São contos, entretanto também são poesia, reportagem, entrevista, carta, perdendo-se em momentos a perspectiva de um único gênero literário. Cada conto surge de maneira específica

com a utilização de diversos recursos linguísticos com o objetivo de fazer o que Rolland Barthes chama de *trapaça salutar, essa esquivada, esse malogro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder* (BARTHES, 1977, p. 16).

O primeiro capítulo desta dissertação, *O Esporte e suas manifestações*, apresenta uma reflexão teórica sobre as práticas esportivas desde a antiguidade. Divide-se em três partes: a primeira destinada às relações do esporte com as sociedades grega antiga e romana imperial uma vez que os textos de Edilberto Coutinho dialogam com a cultura clássica; a segunda, a exposição da história do futebol desde seu surgimento na Inglaterra até sua popularização no Brasil, e a terceira, à inserção do tema futebol no mundo literário.

Na primeira parte, discute-se o valor do esporte em sociedades antigas, tomando como exemplos desse tipo de corpo social a Grécia Antiga e a Roma Imperial. Ressalta-se a importância das atividades físicas no sistema educacional grego uma vez que servem para instruir o cidadão levando-o a seguir determinados princípios. Enquanto ação coletiva, os jogos reúnem o povo e promovem a harmonia, sendo componentes da religião helênica. A relação dos espetáculos esportivos em Roma com o poder é analisado através do viés do embate; o poder enquanto luta multilateral, mesmo que, às vezes, aja desproporção.

A segunda parte desse capítulo destina-se ao exame da história do futebol desde seu início na Inglaterra através dos colégios e universidades, as primeiras partidas oficiais e o futebol internacional. A chegada do esporte ao Brasil por Charles Miller, a sua fase inicial e aristocrática, assim como a sua popularização.

Para encerrar este capítulo, apresenta-se um estudo da inclusão do futebol como temática poética, assunto que durante algum tempo não angariou a devida atenção das universidades, mas fez parte da literatura brasileira desde a poetisa Ana Amélia, passando por vários escritores, culminando no texto de Edilberto Coutinho com a coletânea de contos *Maracanã, Adeus*, objeto dessa pesquisa.

O segundo capítulo, *Cultura de Massa no Futebol*, contém os primeiros estudos sobre os contos de *Maracanã, Adeus* e trata do folclore futebolístico brasileiro, o amor do indivíduo comum pelo esporte e os detalhes que a ficção apreende e o empírico ignora. Nesse capítulo, há também uma consideração sobre o elemento lúdico nesse espaço do jogo.

Na primeira parte desse capítulo, é realizado um estudo de como os contos de *Maracanã, Adeus* expressam a identificação do brasileiro com o futebol, a força deste elemento enquanto constituinte cultural e parte do cotidiano de cada indivíduo. Também analisa a maneira como é construída uma imagem de nação a partir do esporte e é estudada a importância do fator lúdico nesse contexto no sentido expresso por Johan Huizinga.

A segunda parte desse capítulo destina-se ao estudo dos tipos humanos que participam dos processos narrativos e a análise das nuances psicológicas impressas no texto por Edilberto Coutinho. Logo em seguida, estabelece-se uma relação entre esses perfis e o caráter de torcedor.

O terceiro capítulo, *Cultura, Futebol e Poder*, destina-se à análise da forma como as narrativas de *Maracanã, Adeus* estão inseridas no contexto pós-moderno de revisão cultural e histórica. Também estabelecem-se leituras que apontem para uma manifestação do poder no meio social.

Na primeira parte desse capítulo, é construído um panorama das violências sofridas pelos personagens dos contos. A pesquisa leva em consideração a possibilidade de considerar a inclusão de Edilberto Coutinho em um grupo de escritores, que durante o período das décadas de 1970 e 1980, estiveram politicamente engajados contra o autoritarismo e a violência do regime militar. Considerando uma parte da literatura do período como forma de luta, contudo sem tornar-se panfletária.

Na segunda parte desse capítulo, é realizado um estudo dos subterfúgios utilizados pelos personagens como forma de superar as condições de opressão. Assim, os contos são analisados sob o viés econômico-social, político e cultural do preconceito.

O último capítulo dessa pesquisa, *Um Conceito Literário em Maracanã, Adeus*, procurará apontar os recursos linguísticos e literários utilizados por Edilberto Coutinho no livro de contos *Maracanã, Adeus*. É levantada a hipótese de que o autor forma um conceito artístico de luta contra todo e qualquer processo de imposição e autoritarismo, sobretudo no interior da língua. É entender que a escolha do gênero conto foi realizada como consequência desse conceito.

A primeira parte desse capítulo destina-se ao exame literário e linguístico da prosa edilbertiana, reconhecendo os diversos recursos do autor como a intertextualidade, polifonia, heteroglossia, carnavalização, a ironia e o discurso indireto livre. É proposto um caminho de reflexão em que seja possível relacionar essas estruturas com a luta que escritor trava no interior da língua.

A segunda parte desse capítulo destina-se a algumas considerações sobre o gênero conto e os motivos que levaram Edilberto Coutinho a elegê-lo para sua produção artística. A hipótese suscitada é de que o conto é um gênero perfeito para as pretensões literárias do escritor paraibano.

Por fim, apresentam-se as *Considerações Finais* e as *Referências Bibliográficas*, bem como um *Apêndice*, com uma breve biografia do autor.

1 O ESPORTE E SUAS MANIFESTAÇÕES

É possível perceber um intercâmbio conceitual entre esporte, especialmente o futebol, cultura e literatura. E para compreender melhor essas relações estabelecidas pelo jogo de futebol, é preciso entender a importância das práticas esportivas desde a antiguidade. Os jogos faziam parte da cultura na Grécia a ponto de colaborar com a formação de uma identidade que fortalecia os laços de união nas diversas cidades-estados. É possível, a partir desse ponto, entender o pensamento agonístico nas relações sociais dessas sociedades antigas e a situação problema do atleta vitorioso ao se tornar um herói eternizado na memória coletiva da ‘pólide’. Os jogos também eram muito importantes em Roma Imperial o que nos leva a pensar nas relações político-sociais que existiam entre sociedade e imperador através dos espetáculos oficiais da Cidade de Roma, capital do Império. É necessário também rememorar a história do surgimento do futebol no mundo e a origem do mesmo no Brasil a fim de perceber de que maneira esse esporte reitera ou modifica alguns padrões culturais das sociedades antigas. Assim como, buscar algumas incidências dessa temática na literatura brasileira.

1.1 Os jogos na Grécia

A vida na ‘pólide’ representa um ideal de coletividade em que são valorizados diversos princípios que devem estar vinculados ao comportamento do cidadão grego. Tomado como cidadão todo o homem grego livre que consegue participar da vida social de maneira a demonstrar tais valores como a aceitação do outro das decisões coletivas, a hospitalidade, a publicidade da vida, ritualização, religiosidade, isonomia, hierarquia jurídica, honra e vergonha, entre outros. (LESSA, 2005, p. 327).

Nesse contexto, o esporte desempenha um papel fundamental como elemento civilizatório, além de estabelecer a coesão social através do respeito à disciplina e o incentivo a solidariedade. Na visão de Norbert Elias, o esporte é uma categoria de atividade social que se desenvolveu inserida no processo de civilização, estando a sua continuidade com os Jogos Olímpicos gregos justamente no processo de civilização marcado pelo autocontrole dos comportamentos no conjunto das relações sociais (GARRIGOU; LACROUX, 2001, p. 69-

70). Hoje em dia, o esporte é ferramenta importante na redução da criminalidade em regiões mais violentas.

A prática esportiva era um elemento importante na formação do cidadão da ‘pólis’ e constituía uma das áreas da ‘paideía’ helênica. Por isso, a ‘paideía’, a formação do homem grego, é mais importante ainda para a formação do espírito do que para a aquisição das aptidões corporais no ‘agón’ (JAEGER, 1995, p. 18). Em uma educação que busca o equilíbrio entre o corpo e a alma, os jogos desempenham um papel importante já que um corpo bem ordenado e forte é uma das expressões do ideal grego. Assim, o princípio de harmonia defendido por Apolo, é levado a Epidauro, pela escola de medicina de Asclépio, filho do deus oracular, através da máxima *purifica tua mente e teu corpo estará curado* (BRANDÃO, 2012, p. 95-96). Este equilíbrio de corpo e alma também foi manifesto em uma sentença latina, *mens sana in corpore sano*, mente sã num corpo sã, expressão de Juvenal.

Esse ‘agón’ é um termo grego que significa dirigir-se para, reunir-se em assembleia. Do verbo ‘ageíro’, reunir, surgiu a cognata, pela pronúncia em latim, *ágora*, que significa praça, lugar próprio para reuniões de todo tipo na Hélade, desde encontros religiosos até alguns atos jurídicos. E o termo ‘Agón’ ainda encerra outro significado conforme é apresentado por Amós Coelho:

Enfim, ‘agón’ significa assembleia, reunião (para jogos, festas, atos religiosos...), mas, como incluía o elemento competição, passará mais tarde ao sentido de combate; daí, no teatro, protagonista: prot-, primeiro; agón-, luta; sufixo -ista, aquele que entra em emulação contra os deuses (SILVA, 2005, p. 158).

Segundo Pierre Chantraine, o sentido mais frequente em Homero é o de assembleia para jogos e, por extensão, combate (SILVA, 2005, p. 159). Já o Dicionário de Símbolos aponta que *o jogo é fundamentalmente um símbolo de luta* (CHEVALIER, J.; GHEERBRANDT, A., JOGO, 1994). A palavra ‘agón’ expressa o ato de reunir e a força da guerra. O espírito agonístico da sociedade grega, que não se constituía um povo unificado, promovia a união das diversas comunidades em torno da religiosidade e dos jogos. Para CHEVALIER, J.; GHEERBRADT, A., *os jogos desenvolvem as faculdades de adaptação social*. Por isso, qualquer cidadão poderia participar das competições como conceitua Jean-Pierre Vernant:

A sociedade grega não é, por outro lado, do tipo hierárquico, mas igualitário. A cidade define o grupo daqueles que a formam situando-os num mesmo plano horizontal. Quem não tiver acesso a esse plano está fora da cidade, fora da sociedade, em última análise fora da humanidade, como escravo. Mas qualquer indivíduo se for um cidadão, está em princípio apto a desempenhar todas as funções sociais, com as suas implicações religiosas. Não há casta sacerdotal, tal como não há casta guerreira (VERNANT, 1987, p. 27).

Quando ocorriam os grandes jogos, mesmo em momentos de conflito entre os diversos povos gregos, os participantes dos jogos recebiam um salvo-conduto, uma carta de armistício, como se fosse um *habeas corpus*, com o qual transitava sem ser incomodado.

O jogo era uma oportunidade para aproximar os cidadãos da ‘hélade’ e servia como símbolo de uma identidade que deveria ser construída. Na ausência de conflitos, os jogos satisfaziam a necessidade de treinamento e preparo devido ao clamor por competitividade. O atleta busca a honra e o respeito de todos através da vitória, contemporaneamente, ocorre uma exaltação da competição e não do resultado através do tão conhecido *slogan* o importante é competir, mas, para o atleta grego antigo o importante era vencer (LESSA, 2005, p. 327). Era através da vitória que ele conquistava o seu lugar na sociedade e eternizava o seu nome como herói. Contudo, para que o atleta viesse a se tornar um herói, era necessário dedicá-la aos deuses, sem os quais o homem não é nada.

O veículo que guardava o nome do atleta para posteridade era a poesia. Píndaro, através de suas *Odes*, destacou os feitos dos heróis atletas e imortalizou seus nomes, assim como a poesia de Homero destacou e imortalizou os feitos dos heróis guerreiros. Além disso, enumerou em várias partes de sua obra as qualidades do herói: deve ser um cidadão que cultua os deuses, que seja forte, corajoso e leal, deve atribuir suas vitórias aos deuses e ser um leal combatente e recebe como recompensa a imortalidade, a coroa e o néctar dos deuses. Contudo, é na obra de Píndaro que fica evidente o quanto a vitória humana depende da vontade divina.

Pítica I (Trad. Profa. Guida Horta)

Dos deuses provêm os recursos

Para as virtudes humanas;

Eles nos dão o talento,

A força dos braços

Pítica III (Trad. Prof. Junito Brandão)

Somente a divindade outorga sucessos:

Ora eleva este ao céu, ora sua mão rebaixa aquele

Saibas encontrar o teu caminho, observando a moderação.

Olímpica XIII (Trad. Prof. Junito Brandão)

Não se deve pedir aos deuses senão o que convém
 a corações mortais. É mister ter olhar fixo
 nos próprios pés, para nunca esquecer sua condição.
 Não aspire, minha alma, a uma vida imortal;
 pelo contrário: exaure o campo do possível.
 Todas as coisas têm um medida

VIII Ode Pítica (Trad. Prof. Junito Brandão)

Seres efêmeros! Que é cada um de nós?
 O que não é cada um de nós?
 O homem é sonho de uma sombra!
 Mas, quando os deuses pousam
 Sobre ele um raio de sua luz,
 Então vivo fulgor o envolve
 E adoça-lhe a existência!

O herói, portanto, preconizado por Píndaro, é um representante do corpo coletivo uma vez que seu dilema fundamental, a glória eterna da vitória frente à necessidade de exaltação dos deuses, é também o dilema do cidadão comum que se espelha no herói atleta. Essa mesma relação dialética é ressaltada na tragédia em que o indivíduo, normalmente, é punido pela sua desmedida, *hýbris*, sendo esmagado pela *moira*. Também há uma dimensão coletiva do herói da poesia de Homero, que representa o seu povo no momento do combate. Assim, as práticas esportivas... *ajudam a traduzir o homem e o ser social que ele é, seus desejos, seus paradoxos e perplexidades, seus contextos e contradições* (MURAD, 2005, p. 76). Dessa forma, *o jogo imita... a plenitude da vida* (AGUIAR, 2010, p. 158).

E como tudo o que acontecia na ‘pólis’, os jogos eram ações, acima de tudo, religiosas. Os principais Jogos Gregos eram cultos dedicados a determinados deuses. O mundo grego contava com vários jogos em honra aos deuses. Serão mencionados os principais:

1.1.1 Jogos Olímpicos

Eram os principais dos Jogos Gregos e ocorriam na ‘pólis’ de Olímpia em honra a Zeus. Os jogos duravam sete dias de competição e aconteciam de quatro em quatro anos. Na *Olímpica 10*, Píndaro canta a fundação dos *Jogos Olímpicos* por Hércules, em latim, Hércules e isso ocorreu em 776 a.C.. Os primeiros jogos tratavam-se de uma corrida de 192 m, tamanho do Estádio de Olímpia e mais tarde, surgiu o pentatlo.

Os Jogos Olímpicos ficaram suspensos por 1502 anos; a partir de 1886, ressurgiram do idealismo do Barão Pierre de Coubertein, acendendo a tocha olímpica (SILVA, 2005, p. 161).

1.1.2 Jogos Píticos

Esses jogos foram criados em 528 a.C. e também ocorriam de quatro em quatro anos tendo a duração de quatro dias. Eles realizavam-se em Delfos, nas encostas do monte Parnaso, e eram oferecidos a Apolo para perpetuar a vitória do deus sobre o dragão Píton, antigo guardião do Oráculo de Delfos.

O ponto diferencial dos *Jogos Píticos* eram os concursos artísticos, que abriam os jogos, uma vez que Apolo era Deus das artes, da música e da poesia. Como diz Junito de Souza Brandão: *os Jogos Píticos, ao contrário dos Olímpicos, cuja tônica eram os concursos atléticos, deviam seu esplendor, sobretudo, às disputas musicais e poéticas. Em Olímpia imperavam os músculos; em Delfos, as Musas* (BRANDÃO, 2012, p. 99).

1.1.3 Jogos Ístmicos

Esses jogos ocorriam na ‘pólis’ de Corinto, em honra a Posídon. São mais antigos que os Jogos Olímpicos, pois Herácles, durante a sua terceira celebração, matou Ctéato e Êurito, filhos de Augias. Depois disso, organizou uma expedição através da qual também matou Augias e entregou o trono de seu reino a Fileu. Depois desse feito, fundou os *Jogos Olímpicos*. Os jogos duravam quatro dias.

1.1.4 Jogos Nemeus

Esses jogos ocorriam dois anos após os Jogos Ístmicos na cidade de Nemeia, em Argólida. Os jogos eram dedicados a Zeus e duravam quatro dias. Foram os últimos jogos a desaparecer.

1.1.5 As Panateneias

Era a principal festividade em honra a deusa Atená, toda a ‘pólis’ de Atenas participava do evento que durava sete dias. Quando começaram, ocorriam anualmente, mas a partir de 566-565 a.C. passaram a ser realizados a cada cinco anos.

Além desses jogos, havia outros como os jogos funéreos, lembrança de determinadas mortes marcantes e as Hefestias, em homenagem a Hefesto, só como exemplos.

1.2 **Os Jogos Romanos**

O Império Romano era um conjunto difuso de diversas culturas e de grande confluência de povos conquistados na medida em que Roma não agia de maneira xenófoba apagando a cultura dos povos conquistados como séculos depois vieram a fazer os povos ibéricos em relação às colônias de exploração. Pelo contrário, o latino absorvia a cultura do povo conquistado e a integrava aos seus paradigmas simbólicos. A cultura grega foi uma das fontes dessa absorção; os deuses gregos ganharam correspondentes na mitologia latina. A filosofia e as artes gregas também passaram por esse processo, além de práticas esportivas.

Com relação aos jogos em Roma, destaca-se a importância política e social que mantinham. Apesar de, a exemplo dos realizados pelos gregos, esses jogos estarem vinculados a determinadas divindades, a relação deles com o poder em Roma chama maior atenção. Essa esfera de entendimento do lúdico com o político pode ser analisado a partir de uma frase de Juvenal:

Desde que não há mais sufrágios de poder a vender, o povo não cuida de nada; ele, que antes distribuía os plenos poderes, tudo enfim, abateu suas pretensões e não deseja ansiosamente mais que duas coisas: pão e circo. (JUVENAL, Sátiras, X, 80-81).

A expressão *pão e circo* durante muito tempo foi interpretada apenas como forma de controle absoluta em que a atenção do povo é desviada dos assuntos políticos para se ater aos espetáculos. Contudo, essa é uma visão simplista e que não contempla toda a conjuntura envolvida nessa prática não observando a reação da contracultura. E esse viés de pensamento é confirmado por Michael Foucault:

O domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo investimento do corpo pelo poder... Mas, a partir do momento em que o poder produziu esse efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu corpo contra o poder, da saúde contra a economia, do prazer contra as normas morais de sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado (FOUCAULT, 2012, p. 235).

Assim, o poder atua sobre o indivíduo por aceitação deste, entretanto esse indivíduo também exerce poder no sentido inverso. Aplicando esse conceito aos jogos de Roma pode-se dizer que os Imperadores Romanos por diversas vezes tentaram explorar politicamente o espetáculo, no entanto os jogos ocorriam por um gosto do povo e não por simples imposição. Inclusive serviam para a manifestação da contracultura, fato que mostra que os jogos nunca estiveram como forma garantida de controle. Nesse sentido, afirma Flávio Aguiar:

As ideologias que se pretendem hegemônicas postulam o aproveitamento do esporte (aliás, de tudo) para consolidar a sua hegemonia. Mas se assim fosse de fato, a sociedade capitalista, por exemplo, não precisaria da guerra, em última instância, para organizar a sua produção de fetiches. É que no lúdico algo sempre termina por escapar à manifestação da ordem (AGUIAR, 2010, p. 164).

Dessa forma, por várias vezes havia manifestações da população, tanto no circo como nos anfiteatros, que aproveitava os espetáculos para protestar e fazer pedidos. *O imperador Augusto recolhia aplausos durante os espetáculos (Suetônio, Augusto, LIII). Mas, ao mesmo tempo recebia solicitações (SUÉTONE, Augusto, XXXIV).*

Ao longo do tempo muitas foram as razões que causaram reclamação da plebe. As crises de carestia, o abastecimento irregular de cereais, a alta no preço de determinados produtos, além dos altos valores dos impostos estão entre alguns deles. Certa vez, *Nero ouviu protestos contrários à alta carga tributária (TÁCITE, Annales, XIII, 50). O imperador atendeu aos pedidos diminuindo ou abolindo os impostos mais pesados (SUÉTONE, Nero, X).*

Houve durante os espetáculos, inclusive, muitas confusões nas quais ocorreram atos de violência e grande agitação. Tais distúrbios eram punidos com a proibição dos baderneiros participarem dos jogos, proibição de realização dos jogos por parte dos promotores do evento, banimento e exílio.

Contudo, os jogos também apresentavam ações de caráter político. *O circo era certamente um excepcional cenário no qual o imperador atuava com a devida pompa – exercendo seu papel de dirigente triunfador nas guerras e promotor da paz, da fartura e dos espetáculos* (ALMEIDA, 1994, P. 135).

Por isso, os imperadores faziam-se presentes nos jogos como forma de identificar-se com as massas. Houve alguns deles que até participaram dos espetáculos. *O caso mais célebre foi o de Cômodo. Ele teria procurado assegurar sua popularidade na Cidade atuando como gladiador e em caçadas no circo* (GAGÉ, 1986, P. 662). E esses combates de gladiadores representavam a modalidade de evento mais característico de Roma, por não ser encontrada em qualquer outra sociedade dentro dos mesmos parâmetros (ALMEIDA, 1994, p. 138). Esses jogos constituíam parte importante do poder político por reunir uma grande plateia em um único espaço.

E diferentemente dos jogos gregos, em Roma, normalmente, os gladiadores eram prisioneiros de guerra, criminosos ou indivíduos livres que não tinham outra forma de renda. Através de tal quadro pode-se considerá-los como figuras de marginalização não integradas a sociedade. A esse grupo juntam-se os cristãos, que se afastaram dos comportamentos vigentes e, por isso, eram consideradas pessoas alheias à sociedade (ALMEIDA, 1994, p. 138).

A manifestação das práticas esportivas na antiguidade deixou marcas culturais que permanecem até os dias atuais. Aspectos lúdicos, políticos, educacionais e de valorização pessoal estão presentes nas sociedades contemporâneas por influência da herança cultural greco-latina e fazem parte do universo literário de Edilberto Coutinho.

1.3 Origem do futebol no mundo

O futebol oficialmente organizado é um esporte centenário, mas que já ensaiava sua aparição a mais de um milênio através de alguns jogos de povos primitivos. A forma mais antiga do jogo pode estar vinculada a um exercício de um manual militar dos séculos II e III a.

C. encontrado na China. Este antepassado do futebol foi chamado Tsu 'Chu, o site da FIFA descreve assim o jogo:

This Han Dynasty forebear of football was called Tsu' Chu and it consisted of kicking a leather ball filled with feathers and hair through an opening, measuring only 30-40cm in width, into a small net fixed onto long bamboo canes. According to one variation of this exercise, the player was not permitted to aim at his target unimpeded, but had to use his feet, chest, back and shoulders while trying to withstand the attacks of his opponents. Use of the hands was not permitted.

No Japão, também houve um jogo semelhante que começou entre 500 e 600 anos após o originário da China e se chamava Kemari. Diferia do anterior por não ter caráter competitivo. Os gregos também jogaram bola com os pés, foi o 'Episkyros' do qual há poucos detalhes e, posteriormente, os romanos adotaram uma modalidade similar a dos gregos chamada 'Harpastum'. Contudo, o futebol como conhecemos hoje começou na Grã-Bretanha.

O futebol primitivo era desorganizado e mais violento que o atual. Demorou até que se estabelecessem regras uniformes aceitas por todos os praticantes do esporte. No início, cada grupo fazia suas próprias regras. A esse respeito a FIFA explica que

Curiously, it was not until nine years after the rules of football had been first established in 1863 that the size and weight of the ball were finally standardised. Up to then, agreement on this point was usually reached by the parties concerned when they were arranging the match, as was the case for a game between London and Sheffield in 1866. This encounter was also the first where the duration was prearranged for 90 minutes.

O jogo desenvolveu-se de forma mais séria, principalmente, nas grandes escolas inglesas como Eton, Harrow, Winchester e Charterhouse. Outra importante instituição de ensino que contribuiu para a difusão do futebol a universidade de Cambridge, que lutou pela uniformização das regras do esporte causando uma cisão entre os adeptos do Rugby e do Futebol. Em 1871, foi criada a federação inglesa de futebol e em 1872 foi criada a mais antiga competição de futebol: a Copa da Inglaterra.

Depois disso, várias federações começaram a surgir: a da Escócia (1873), a do País de Gales (1875), a da Irlanda (1880), a da Holanda, a da Dinamarca (1889), a da Nova Zelândia (1891), a da Argentina (1893), a do Chile, a da Suíça e da Bélgica (1895), a da Itália (1898), a da Alemanha e do Uruguai (1900), a da Hungria (1901) e da Finlândia (1907). Em Maio de 1904, foi fundada a FIFA com sete membros fundadores: França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha (representada pelo Madrid FC), Suécia e Suíça. A entidade cresceu e

By the late 1930s there were 51 FIFA members; in 1950, after the interval caused by the Second World War, that number had reached 73. Over the next half-century, football's popularity continued to attract new devotees and at the end of the 2007 FIFA Congress, FIFA had 208 members in every part of the world.

1.4 Futebol no Brasil

O futebol chegou ao Brasil em 1895, no começo da República. O esporte já era conhecido na Europa e foi recebido como mais uma modernidade a ser aprendida. O primeiro a apresentar o jogo no país foi Charles Miller, filho de um importante industrial inglês que foi para a Inglaterra para estudar e conheceu o esporte. Quando voltou de viagem trouxe as regras e as primeiras bolas de futebol.

O futebol era o esporte das elites uma vez que todo o material precisa ser importado da Europa o que encarecia o jogo. Era um espaço de confraternização de industriários e burgueses enquanto o esporte mais popular era o remo. O primeiro time de futebol do Rio de Janeiro foi o Fluminense do qual surgiu depois o futebol do Clube de Regatas do Flamengo.

A organização do esporte era amadora, ou seja, um espaço dedicado unicamente para lazer, nesses moldes apenas as elites tinham condições de participar do jogo. Por isso, houve desde 1910 movimentos a favor da profissionalização, que era proibida pelas elitistas confederações carioca e paulista. Entretanto, a partir da década de 20, alguns clubes já burlavam a proibição com o pagamento dos chamados *Bichos* – pagamentos por recompensa pelas conquistas. Era período conhecido como amadorismo marron. Não demorou muito e em 1933, o profissionalismo foi legalizado o que permitiu a jogadores passarem a se dedicar totalmente ao futebol, além favorecer a democratização do esporte que deixou de ser o esporte das elites para ser o jogo das massas, vencendo inclusive o racismo:

Outra questão bastante presente era a racial. Não podemos esquecer que a abolição da escravatura ocorreu em 1888, menos de quarenta anos antes do período a que aqui nos referimos. O racismo ainda era muito forte e foi um tema que marcou (e ainda marca) o futebol brasileiro. Em seu primeiro momento, por ser um esporte da elite, não existiam jogadores negros, mas, a partir da democratização, negros e mulatos passaram a ser incorporados ao futebol e a participar dele. Por conta disso, a questão veio à tona (MAGALHÃES, 2010, p. 19).

O futebol tornou-se o esporte nacional, que apesar de sistematizado na Inglaterra, teve no Brasil o ápice do simbolismo futebolístico conhecido como país do futebol e maior campeão da história das Copas do Mundo com cinco títulos mundiais.

1.5 Manifestações políticas no futebol

O futebol como esporte de massa cria oportunidades para inter-relações sociais e disputas políticas. Ao longo de toda a história dos jogos, houve incidentes que demonstraram essas potencialidades.

A Guerra Fria, por exemplo, é caracterizada pela ausência de confrontos diretos entre os pólos socialista e capitalista. A Copa do Mundo de 1974 desmistifica essa informação. No sorteio dos grupos da competição, o primeiro grupo deixou a expectativa pela partida entre Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental. Após a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha estava arrasada e foi dividida para a sua recuperação em lado socialista e lado capitalista. Com o desenrolar desse processo, criou-se grande rivalidade entre os dois lados da Alemanha com a conhecida divisão através do Muro de Berlim. A Guerra Fria entrou em campo: separados pelo muro, unidos dentro de um mesmo campo, alemães oriundos dos dois lados.

A Alemanha Ocidental era tecnicamente superior uma vez que contava com craques renomados como Sepp Meier, Franz Beckenbauer, Paul Breitner e Gerd Muller. Ainda assim, para a surpresa geral, a Alemanha Oriental venceu o confronto com um gol de Jürgen Sparwasser. As duas Alemanhas passaram de fase, mas com a vitória, o lado oriental conquistou a primeira posição do grupo, fato que simbolizava uma vitória soviética. Contudo, a Alemanha Ocidental foi à campeã desse mundial vencendo na final a Holanda, a famosa Laranja Mecânica. Isso inverteu os lugares na disputa esportiva, colocando o sistema capitalista em vantagem.

Ao longo de décadas, as diversas ditaduras latino americanas também procuraram-se aproveitar do futebol para pregar a sua ideologia. No Brasil, a seleção brasileira da Copa de 1970, sofreu intervenções do governo militar, principalmente, no caso da troca do técnico João Saldanha, considerado subversivo e muito influente pelo Regime Militar. Em 1966, a liderança do comando militar fracassou ao interferir no futebol, mas em 1970, a vitória da seleção brasileira fortaleceu o *slogan Pra frente Brasil*.

A Copa do Mundo de 1986 registrou um dos jogos mais incríveis de todos os tempos. A Argentina, uma ditadura governada pelo presidente Galtiere, e a Inglaterra, governada pela ministra Margareth Thatcher, enfrentaram-se dentro do campo quatro anos após A Guerra das Malvinas. Apesar da proximidade geográfica com o país sulamericano, as ilhas estão situadas a 464 km da costa argentina, as ilhas foram colonizadas pelo Reino Unido. A Inglaterra havia vencido a Argentina de forma incontestável na disputa pelas ilhas Malvinas, chamadas pelos

ingleses de Ilhas Falklands. Após esse incidente, as relações diplomáticas entre os dois países foram suspensas. Na Copa, havia uma atmosfera de rivalidade no jogo entre as duas seleções. A seleção argentina contava com Diego Armando Maradona, que protagonizou dois gols épicos, imortalizados na história do futebol.

O primeiro, depois de um chute errado do zagueiro adversário, Maradona disputa a bola no alto com o goleiro inglês, que era 18 cm maior que o argentino. Com um movimento rápido com as mãos, Maradona desvia a bola antes do inglês e faz o gol de forma irregular. Apesar das reclamações o gol foi validado e episódio passou a ser conhecido como *a mão de Deus*. O segundo foi um gol impressionante em que Maradona consegue atravessar praticamente todo o campo adversário com a bola nos pés e fazer o gol. Esse ficou conhecido como *o gol do século*. Esses episódios contribuíram para o estabelecimento da figura mítica de Maradona na Argentina.

Já durante a Olimpíada de Londres, em 2012, o meio-campista sul-coreano Park Jong-woo envolveu-se em um imbróglio na disputa pela medalha de bronze contra o Japão. A Coreia venceu e o jogador recebeu de um torcedor uma faixa que dizia *Dokdo é nosso território*, em alusão a uma disputa territorial entre as duas nações asiáticas. A FIFA precisou punir o atleta com suspensão e multa.

Um dos casos mais interessantes refere-se a torcida do Barcelona, que manifesta-se, frequentemente, durante as partidas da equipe no Camp Nou, estádio do clube. Sempre aos 17 minutos e 14 segundos, a torcida canta a favor da independência da Catalunha. O horário faz referência ao ano de 1714, quando um levante catalão foi sufocado pela monarquia na Espanha.

E durante o ano de 2013, na abertura da Copa das Confederações, realizada no Brasil, a torcida cantou o Hino Brasileiro com grande emoção e intensidade em um período em que diversos protestos se deflagravam pelo país, especialmente no Rio de Janeiro. O canto da torcida mostrava o orgulho ferido do brasileiro que, em um Maracanã totalmente cheio, vaiou a presidente Dilma Rousseff.

1.6 Futebol na literatura

O futebol é um esporte que foi oficialmente organizado na Inglaterra, apesar das experiências que o antecederam, mas tornou-se um ponto marcante da cultura brasileira. Essa

identificação é tão forte que o futebol tornou-se um dos maiores consensos do país uma vez que sua apreciação independe de postura política, concepção filosófica ou credo. No Brasil, essa modalidade esportiva é um catalizador de emoções e um espetáculo catártico por excelência, além de apresentar um vínculo social uma vez que está presente no imaginário de ascensão e superação da pobreza. Logo, é natural que a literatura busque contato com esse assunto.

Dessa forma, é importante estudar essa temática na literatura nacional; ao contrário do que se pode imaginar, conta com um registro significativo na história literária brasileira conforme foi estudada por Edilberto Coutinho em artigo chamado *Poesia, terminando em futebol* do livro *Criaturas de Papel*. Tomando como partida o artigo de Edilberto Coutinho, é necessário analisar as relações do futebol com a literatura. E contrariando o caráter masculino em que se desenvolveu o esporte ao longo das décadas, tudo isso começou com uma mulher: a poetisa Ana Amélia, que introduziu o tema na poesia em 1926, no seu segundo livro de poesias intitulado *Alma*. Por esse motivo, ela foi ficcionalizada por Edilberto Coutinho no conto *Mulher na Jogada* do livro *Maracanã, adeus*.

Apesar de inspirada no futebol, seus textos voltavam-se para a tradição da literatura e do esporte gregos. Ela casou com Marcos Mendonça, goleiro campeão pelo América, tricampeão pelo Fluminense e goleiro da primeira seleção brasileira (1919); conheceram-se em um jogo do América, fato que resultou em um presente: a medalha conquistada pelo goleiro naquele jogo. Criou os seguintes versos para narrar o episódio:

Como um guerreiro grego, após uma vitória,
 trazia à bem-amada a coroa de louro,
 tu me vieste trazer esta medalha de ouro,
 símbolo do fulgor que auréola tua glória.
 Pois tu que, forte e audaz, na luta o conquistaste,
 Vencido por vontade, a meus pés o lançaste
 Para glorificar a vitória do amor.

E na poesia *O Salto* do livro *Ansiedades* ela exalta as virtudes de seu esposo como a um grande herói-atleta grego.

Ao ver-te saltar para um torneio atlético,
 sereno, forte, audaz, como um vulto na Ilíada,
 todo o meu ser vibrou num ímpeto frenético,

como diante de um grego, herói de uma Olimpíada,
 Estremeci fitando este teu porte estético,
 como diante de Apolo estremecera a dríada.
 Era um conjunto de arte esplendoroso e poético,
 enredo e inspiração de uma helioconíada.
 No cenário sem par de um pálido crepúsculo
 tu te lançaste no ar, vibrando em cada músculo,
 por entre as aclamações de massa entusiástica.
 Como um deus a baixar do Olimpo, airoso e Lépidio,
 tocaste o solo, enfim, glorioso, ardente, intrépido,
 belo na perfeição da grega e antiga plástica.

E a partir dessa primeira aparição, a intercessão entre futebol e literatura foi cada vez mais frequente. Grandes escritores fizeram parte dessa história como Gilka Machado que em 1938 escreveu um hino *Aos heróis do futebol brasileiro – quarenta milhões de pensamentos/impulsionando os vossos movimentos*. Também em homenagem aos jogadores da seleção brasileira que alcançou a terceira colocação na terceira Copa do Mundo, na França, ela escreveu:

Aos vossos pés geniais
 curvam-se, reverentes,
 os cérebros do universo
 Em vossos pés heroicos
 depõe um beijo
 a alma do Brasil.

Em relação a histórica derrota da seleção brasileira para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, o poeta Antônio Olinto escreve no poema *Maracanã*.

Na vala o vagido
 lembrava o vazio
 da vida varada
 sem vezo de estrela.

É possível perceber que as derrotas foram fontes poéticas bastante produtivas e assim como Gilka Machado e Antônio Olinto, outros autores aproveitaram esses momentos. Carlos

Drummond de Andrade, no dia seguinte a eliminação do Brasil na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra:

O dia-não completa o dia-sim
 Na perfeita medalha. Hoje completos
 são os atletas que saúdo:
 nas mãos vazias eles trazem tudo
 que dobra a fortaleza da alma forte.

Já Homero Homem foi muito mais passional em relação a essa Copa:

Vavá não acertava,
 errava seu Mané.
 Didi driblava mal,
 perdemos Rei Pelé.

João Cabral de Melo Neto é um dos maiores poetas brasileiros e ele não se esquiva do tema exaltando o esporte nacional em *O futebol brasileiro evocado na Europa*.

A bola não é a inimiga
 como o touro, numa corrida;
 e embora seja um utensílio
 caseiro e que se usa sem risco,
 não é o utensílio impessoal
 sempre manso de gesto usual;
 é um utensílio semivivo
 de reações próprias como bicho,
 e que, como bicho, é mister
 (mais que bicho, como mulher)
 usar com malícia e atenção,
 dando aos pés astúcias de mão.

A oscilação emocional, depois bem explorada por Edilberto Coutinho, é também recurso de Vinícius de Moraes. Em relação a Garrincha, Vinícius faz uma apoteose do craque que se une em simbiose a torcida. Logo após, outro texto *Canto de Amor e de angústia à Seleção de Ouro do Brasil*.

Num só transporte, a multidão contrita

em ato de morte se levanta e grita

seu unísono canto de esperança

Garrincha, o anjo, escuta e atende: - Gôooooo!

Minha seleçãozinha de ouro eu vos suplico que não joguem mais em futebol internacional não porque o meu pobre coração não aguenta tanto sofrimento eu juro que prefiro ver vocês disputando só aqui dentro do gramado nacional porque aqui a gente sabe como é e embora eu torça pelo Botafogo ninguém vai morrer mas não é mesmo a não ser talvez o meu bom Ciro Monteiro quando o Flamengo joga entra bem porque nós somos todos irmãos e briga entre irmãos se resolve mas lá fora tudo é diferente.

E assim como Garrincha, alguns outros jogadores foram engrandecidos através da poesia, mais ou menos como Píndaro fazia em relação aos heróis atletas. Jorge Ben homenageou Zico e Fio Maravilha. Este último processou o cantor pedindo parte dos direitos autorais da música. O atacante não foi bem sucedido e teve seu nome retirado da canção. Depois desse incidente, Jorge Ben não deu mais nome aos seus heróis. Eis dois trechos da canção original:

Fio Maravilha, nós gostamos de você

Fio Maravilha, nós gostamos de você

.....

com muito amor

com explosão em gol

sacudindo a torcida

A paixão clubística também produziu versos interessantes como no caso de Chico Buarque, torcedor ilustre do Fluminense, que recebera de presente do cantor Ciro Monteiro uma camisa do Flamengo para a sua filha recém-nascida. Em resposta:

Amigo Ciro

muito te admiro.

O meu chapéu te tiro,

muito humildemente.

Minha petiz

agradece a camisa,

que lhe deste à guisa

de gentil presente.

Mas, caro nego,

um pano rubro-negro
 é presente de grego.
 Não de um bom irmão.

Gilberto Gil também canta sua paixão:

Alô torcida do Flamengo
 Aquele abraço

Mas também houve manifestações de destaque dessa temática em prosa, normalmente em textos curtos como contos e crônicas. Um dos cronistas mais marcantes quando o assunto trata-se de futebol é Nelson Rodrigues com vários textos como *A realeza de Pelé*, *O Eichmann do apito* e *A sombra dos criouloões em flor* presentes na coletânea *A sombra das chuteiras imorais*. Um dos textos mais célebres desse autor e que eleva o futebol e a seleção brasileira é *Complexo de vira-latas*. Nesse texto, ele destaca o modo como o trauma de 1950 influencia na atitude do brasileiro. Essa crônica enaltece o futebol brasileiro e age quase como uma profecia da vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Nelson ainda escreveu a peça teatral *A falecida*, que também aborda o futebol enquanto temática.

Na mesma linha de exaltação do futebol e dos jogadores brasileiros segue Armando Nogueira com crônicas como *O craque e o grosso*, *Pelé e o Santos*, *Pelé no MIS*, *Picaresco*, *Pelé e Mané*, *A rua do coloca*, *Pelada de subúrbio*, *Alienação*, *Cobrões*, *México 70*, *Escritas Brasileiríssimas* e *Peladas*. No texto *Menino-que-chega*, ele deixa uma frase emblemática: *Deus é esférico*.

E também há escritoras que escreveram em prosa sobre futebol. Como exemplo, pode-se citar o nome de Rachel de Queirós que fez um texto chamado *Amistoso* pelo qual é possível conhecer o ambiente aristocrático do início do futebol no Brasil.

Muitas crônicas de autores importantes entram nesta lista: *Gol de padre*, de Sergio Porto; *Poema de um coração rubro*, de Marques Rebelo; *O time do Neném Prancha*, de João Saldanha; *O sapo de Arubinha*, de Mario Filho; *Salvo pelo Flamengo*, de Paulo Mendes Campos ; *O velho e a bola*, de Maneco Muller; *Corinthians 2 vs Palestra 1*, de Antônio de Alcântara Machado, *Brasil-Argentina*, de Mário de Andrade. Este último, ainda criou uma versão literária para o surgimento do futebol através do personagem Macunaíma.

Vai, Jiglê pegou num tijolo, porém pra não machucar muito virou-o numa bola de couro duríssima. Passou a bola de couro para Maanape que estava mais na frente e Maanape com um pontapé mandou ela bater em Macunaíma [...] O bichinho caiu em

Campinas. A tatorana caiu por aí. A bola caiu no campo. E foi assim que Maanape inventou o bicho-do-café, Jiglê a lagarta rosada e Macunaíma o futebol, três pragas.

E para encerrar essa síntese, é necessário destacar a coletânea de textos *Maracanã, adeus* de Edilberto Coutinho que conseguiu em onze contos mostrar o futebol sob vários ângulos. Com este livro ele recebeu o importante prêmio *Casa de las Américas*, em 1980, como melhor livro de contos. Devido a premiação o autor recebeu a importância de cinco mil dólares, quantia de significativo valor para a época.

2 CULTURA DE MASSA NO FUTEBOL

Discute-se aqui a forma como os contos de *Maracanã, Adeus* marcam a presença do futebol enquanto elemento cultural, de que maneira é expressa a identificação do brasileiro com esse esporte, a importância do caráter lúdico na sociedade e a simbologia presente no jogo que suscita a paixão popular. Além disso, mostrar os efeitos da invasão da cultura de massa na sociedade e, conseqüentemente, no futebol.

Durante o período da Ditadura Militar, os governos tentaram associar ao esporte uma cultura de comportamento ufanista do progresso e das conquistas. E para realizar este processo reprimiram de forma ostensiva toda as manifestações de caráter político e impediram o direito a manifestação popular. Através dos Atos Institucionais destruíram toda a ordem democrática com o fechamento do Congresso e com o fim do pluripartidarismo típico do Brasil, e ainda acabaram com as eleições diretas levando-as para um foro privilegiado. As forças armadas passaram a cercear o direito de ir e vir dos cidadãos e a promover um minucioso trabalho de investigação e censura aos meios de comunicação e aos trabalhos artísticos. As prisões, a tortura e o exílio foram marcas desse período. E apesar de todo o quadro histórico e político, o Brasil viveu os anos mágicos do seu futebol durante esse período.

2.1 Ludicidade e cultura de massa

Os onze contos do livro formam uma coleção multifacetada girando em torno do esporte e da sociedade brasileira. Os textos apresentam as várias formas de violência que ocorriam durante os governos militares, incluindo também os movimentos de uniformização social através dos apelos da cultura de massa, mas ainda assim conseguem manter o ímpeto lúdico inerente ao jogo presente também no texto.

O primeiro conto intitulado *Preliminar* inicia um processo de identificação nacional com o futebol na figura do torcedor em espírito pleno. Mas, paralelamente, apresenta a pobreza e o descaso. O texto começa com uma oração:

Venha a nós o poder dos vossos cálculos infalíveis, perfeitos, Senhor Matemático Supremo

o noticiário de cada dia nos dai hoje
 com muitos gols
 lindos gols do meu Banguzinho sofrido
 perdoai minha mulher pela encheção de saco dela
 como nós nos perdoamos pela burrice dos furinhos
 marcados errados no cartão da Loteca, não nos deixeis
 cair na tentação de virar a casaca, livrai-nos
 dos gols dos adversários
 dando cãibras terríveis nas canelas
 dos atacantes deles.
 Amém. O que, agora, mulher?

Este fragmento, ao leitor distraído, pode parecer um viés mais comum de crítica religiosa, entretanto a religião não é criticada, antes está em exaltação. A questão está no sagrado. O futebol é sagrado, ele é religião. O trecho parodia *A Oração do Pai Nosso* buscando identificar o jogo com o sagrado. Essa é a relação que Edilberto Coutinho busca entre futebol e o brasileiro. Ao estudar sobre o conceito de jogo, Huizinga parece confirmar essa maneira de pensar: *tal como não há diferença formal entre o jogo e o culto, do mesmo modo o “lugar sagrado” não pode ser formalmente distinguido do terreno do jogo* (HUIZINGA, 2012, p. 13). Platão também identifica o componente jogo e o elemento sagrado, destacando através disso a posição de importância do jogo (HUIZINGA, 2012, p. 23). Assim também entende Ligia Vassalo, que em artigo escrito para a Universidade Sorbonne, escreve o seguinte:

Relatos, narrativas e comentários ocorrem depois de acabada a peleja. Mas enquanto ela se desenrola, cria-se uma temporalidade ímpar fora do tempo histórico, aquela da união cósmica do ser e do mundo, momento da percepção em que todos formam um, todos estão inteiros e ligados, como na religião e no culto, unidos e irmanados no unificado espaço sagrado do estádio, formalmente um círculo com um centro, mandala – o grande teatro do mundo, de que o Maracanã representa o templo máximo, catedral ou, como quer Dalma Nascimento (1984), o Coliseu. Por isso os ídolos em campo assemelham-se a deuses, revestidos de aura (QUINT, 1999, p. 139).

Essa visão a respeito do futebol aponta para uma participação do esporte na vida do brasileiro de forma intensa e contínua. Em todo o conto *Preliminar*, o servente José Dias vive a paixão de torcedor, em casa, no transporte público, no ambiente de trabalho, em todo lugar é

possível rememorar as emoções do jogo, mesmo sem estar nele. Assim, ao chegar à repartição em que trabalha ele pensa nas costumeiras brincadeiras de torcedor que seguem após um grande jogo *botafoguense aqui só o doutor Luís (já no seu uniforme de servente), boa-praça, não é fanático não, vai ver posso até tirar uma brincadeirinha com a derrota do time dele, o seu Botafoguinho é freguês, hein, doutor Luís?* (COUTINHO, 1980b, p. 7).

Contudo, esse lirismo inocente é invadido pelo veneno da língua que traz a força da cultura de massa. Na verdade, é possível afirmar que aqui está uma característica presente em toda a obra: esse dualismo barroco entre o sagrado e o profano, entre a paixão e o autoritarismo. Este também é um traço comum aos processos ditatoriais da América Latina e, em especial, a Ditadura Militar no Brasil.

O governo incentiva a propaganda nacionalista em torno do *slogam*: “Brasil: ame-o ou deixe-o”, utilizado nas comemorações oficiais da vitória da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970. Sob o efeito do milagre econômico e da vitória nos campos de futebol, o regime militar parece consolidado e forte (LINHARES, 1990, p. 373).

Já na prece inicial, o personagem-torcedor revela o imaginário de vitória e essa satisfação que o esporte pode trazer. O torcedor não se importa em torcer pelo Bangu, time de menor tradição, antes é um apaixonado que vibra com os gols do seu time chegando a um estágio de euforia, mas que também imerso em um universo manipulado fica entorpecido *pelo noticiário de cada dia*. A presença da mídia na vida do servente de repartição pública mostra a força da cultura de massa na formação social, pois ele roga não por um desejo supérfluo e sim por uma necessidade de obter informação. O futebol também é encarado como um negócio, como tudo no mundo burguês, e a Loteria Esportiva é a maneira do homem comum participar com suas esperanças e, na maioria, das vezes com suas decepções. A força do capital envolve até o sagrado com a necessidade do dinheiro uma vez que é preciso satisfazer os impulsos da cultura de consumo.

E apesar de todo o horror que há no mundo empírico, o que inclui o futebol, existe o mundo do futebol não empírico do autor em que se pode sentir um prazer libidinal, uma explosão de emoções concentradas em símbolos e lances. Os gols levantam as massas e criam os ídolos. Assim como, determinados clubes em especial. No mundo do futebol de Edilberto Coutinho o time eleito é o Flamengo, depois deste o único a arrancar a explosão de alegria da torcida é o Bangu. Enquanto, outros times como Botafogo, Fluminense e América aparecem ou na derrota ou em um momento de reminiscências do preconceito. O Flamengo era a grande paixão. Para Edilberto Coutinho a seleção era o Flamengo. Proporcionava mais felicidade que a representante brasileira. No conto *A bola falando grosso*, o personagem Josemar confirma a

preferência com um trecho do hino do clube *Eu teria um desgosto profundo; se faltasse um Flamengo no mundo* (COUTINHO, 1980b, p.54). Essa predileção levou o autor a escrever *Nação rubro negra, história e histórias do Flamengo*, de 1990.

Em todo o texto a paixão do torcedor é pujante, tanto na exaltação dos ídolos como na perseguição deles, na comemoração pelos gols e na tristeza pelas derrotas. O sagrado da religião e as máculas dos pecados, todos em um oximoro: o futebol. E Edilberto Coutinho descreve esse conjunto de acontecimentos com o mesmo lirismo do jogo.

Vaias, xingamentos, críticas, coros indecorosos. Antes, ficavam gritando o nome dele, exigindo a escalação dele para o escrete, e de repente aplaudiam que o vendessem, e para esse time de cabeças-de-bagre do Piauí. Estava marcado, a torcida não aceitava mais as atitudes dele (COUTINHO, 1980b, p. 109).

.....

Você está perdendo gols, compadre, eu disse. E quando isso acontece é foda mesmo, a torcida passa a exigir a entrada do reserva. Falei pra ele, a torcida exige gols, e à falta de gols, quer a substituição do artilheiro que está em campo, é sobre ele que ela joga toda a raiva, a insatisfação. Foda mesmo, ele disse (COUTINHO, 1980b, p. 114).

Tanto na festa em si mesma como em valores tradicionais do esporte, o paradoxo está presente: a união dos povos, a competitividade, o jogo catártico, o grito da torcida e a manipulação, a violência, a corrupção, a censura e todo um malogro histórico, juntos indissociavelmente. O sagrado e o profano em conflito, mas também ligados por um vínculo de limites imprecisos nesse sistema barroco de escrita.

No conto *O rei nu*, a figura histórica de Pelé, maior jogador de todos os tempos, provoca o efeito hiperbólico do ideal torcedor. Leva ao auge a paixão do brasileiro quando se trata de futebol.

O texto relaciona-se a uma passagem da vida de Pelé em que foi cumprimentado por uma autoridade norte-americana. Na ocasião, o craque jogava pelo *Santos*, time defendido na maior parte de sua carreira, e após o jogo, que ocorreu no Maracanã, ainda despido no vestiário, foi cumprimentado pelo, naquele momento, senador democrata por Nova York Robert Kenned, que pretendia concorrer ao cargo de presidente dos EUA. Levando em conta a apreensão causada por vários “teóricos” de conspirações em relação a essa figura política, e até mesmo brincando com esse viés de pensamento, o conto apresenta um complô criado para tirar a vida do jogador.

As personagens Gilda e Laura inventam, a fim de perturbar Nivaldo, ou Nini Maravilha, um homossexual, profissional da estética feminina, que era fã incondicional do atleta, a formação de um plano obscuro de máfias sul-americanas e grupos racistas dos EUA

que iriam matar Pelé. *Era apaixonada, nos revelou, pelo Pelé* (COUTINHO, 1980b, p. 88). Nini Maravilha acredita em toda a história e vende seus bens para tentar proteger seu ídolo. Nesse ponto, o texto mantém em suspenso o fato narrativo uma vez que há a história contada pelas mulheres da cobertura, Gilda e Laura, que transmite inverossimilhança ao acontecimento e, logo após, há a tentativa de assassinato do rei Pelé. Esse efeito aponta para a disposição de Nivaldo de sacrificar-se em nome do seu ídolo o que seria mais um elemento sagrado no futebol. Todo o delírio de um torcedor apaixonado pelo craque do seu time, pelo herói da sua nação. A própria declaração da personagem exemplifica esse traço: *Depois, no hospital, perguntado por um jornalista se estava arrependido de sua loucura, Nini Maravilha disse que não, mais vidas se eu tivesse sacrificaria por ele* (COUTINHO, 1980b, p. 90).

Há uma pergunta a ser feita: *Por que uma multidão imensa pode ser levada até ao delírio por um jogo de futebol?* (HUIZINGA, 2012, p. 5). Provavelmente, porque se trata de um fenômeno de massa e de identificação nacional. É importante pensar: por que em alguns países existem preferências distintas de esporte? Por que o futebol provoca esse delírio em alguns lugares e em outros não? É possível dizer que Edilberto Coutinho percebeu de forma singular o traço cultural do futebol no Brasil. A massa de torcedores entra em transe com cada lance e a emoção preenche o estádio. No conto *Vadico*, o autor expressa essa energia.

Vi que era fácil passar pro ele, e não pude resistir aos dribles. O público aplaudiu, gritou meu nome. Cheguei a fazer aquelas embaixadinhas...e a galera vibrou. Gritaram mais alto meu nome. O filme mostra, o Maracanã inteiro uma só voz: VA-DI-CO, VA-DI-COOO (COUTINHO, 1980b, p. 40).

A força da cultura de massa penetra a esfera esportiva e cria fenômenos comportamentais singulares. Uma das características mais marcantes do ambiente cultural massivo é o apelo sexual demarcado de forma especial em alguns textos de *Maracanã, adeus*. No conto *A celebração dos pés*, a personagem Olga tornou-se indiferente a rivalidade histórica entre Brasil e Argentina, idealizando os pés do craque argentino Mario Kempes. Não o jogador, mas os seus pés. Um ato de fetiche sexual. Mesmo sem interesse pelo jogo, há o interesse na parte do corpo do atleta que ela pode ver em jornais, revistas e televisão. Um ato profano ao sagrado do jogo, que é exterior a ele. O conto descreve inclusive um momento de masturbação feminina frente a apresentação de um programa televisivo a respeito do jogador. *O informativo mostra Mário Kempes correndo em campo... E a mão sozinha fazendo o seu amor com o craque, me deixa apanhar tua chuteira, beijá-la por dentro, e a mão se movimentando mais rápido, o indicador em fogo* (COUTINHO, 1980b, p. 74).

Ao longo de vários contos está presente a imagem do desejo sexual relacionada aos jogadores. Em *Mulher na jogada*, a personagem Elza Soares testemunha sobre o comportamento de outro personagem histórico: Garrincha. *Me confessou que tem filho até de cueca* (COUTINHO, 1980b, p. 94). *O Neném não é de brincar em serviço. Não nega fogo* (COUTINHO, 1980b, p. 96). No segundo conto da coletânea, *Eleitorado, ou*, o jogador responde as perguntas de repórter, contudo essa atitude é intencional, pois ele tem interesse sexual na entrevistadora, *(ela falando, falando, eu com uma vontade doida nela, um tesão enorme subindo pelas pernas), então eu falei* (COUTINHO, 1980b, p. 17). Em dois contos de *Maracanã, adeus* a prostituição participa no jogo literário, em *O rei nu* e em *O fim de uma agonia*. Em ambos os textos o prazer sexual pode ser comprado, ainda que no segundo texto aja uma reflexão sobre essa ação de compra e venda. A exploração sexual, assim como a simples idealização, surge nos textos marcando a penetração da cultura de massa no futebol.

Também o espaço midiático compõe o cenário futebolístico das narrativas. Desde o texto *Preliminar*, a mídia esportiva, seja a imprensa escrita, seja a televisiva ou a radiofônica, desempenha um papel de grande importância exercendo influência no comportamento e nas escolhas do protagonista José Dias. É a partir também das empresas de comunicação em massa que são divulgados os resultados da Loteria Esportiva e o incentivo à cultura de consumo. O conto consegue expressar perfeitamente a condição do jogador durante os anos 70 e 80, quando o atleta não contava ainda com os direitos conquistados através da Lei Zico e da Lei Pelé. Nesse contexto, o próprio homem é desumanizado e passa a objeto, mercadoria, como no conto *Navio negreiro: E a gente sempre sujeito às mudanças da torcida, da direção dos clubes, agora decidiram que é melhor me vender* (COUTINHO, 1980b, p. 66). Na atualidade, os melhores jogadores alcançam grande poder diante dos clubes brasileiros devido aos problemas financeiros enfrentados pelos times e à baixa qualidade técnica da maior parte dos atletas. Esse quadro fornece condições de oferta e procura favoráveis aos jogadores mais talentosos.

Ao mesmo tempo, essa estrutura midiática constrói imagens e símbolos que se perpetuam no imaginário popular: os grandes ídolos e os grandes vilões da história do esporte. Pelé, Vadico, Leleco, Mário Kempes, Garrincha e Marcos Mendonça são personagens apresentados nos contos através do olhar jornalístico, sejam os personagens historicamente localizáveis ou aqueles meramente ficcionais. Dos onze contos de *Maracanã, adeus*, oito textos abordam esse aspecto de maneira mais ou menos intensa: *Preliminar, Eleitorado, ou, O fim de uma agonia, Vadico, Navio Negreiro, A celebração dos pés, O rei nu e Mulher na jogada*.

Na visão edilbertiana, o futebol no Brasil é muito mais que um esporte, ele é fato cultural disseminado indiscriminadamente por toda a nação. É um fator catalisador e formador de conceitos identitários nacionais. No conto *O fim de uma agonia* esse argumento está presente com o resgate do vocábulo grego ‘*agón*’. Esse termo, conforme mencionado no primeiro capítulo, possui duplo significado: união ou reunião da nação e combate ou luta. A narrativa apresenta essa dupla possibilidade de leitura.

Em todo o texto há uma mobilização em torno do personagem Leleco que surge como o grande jogador do futebol brasileiro e recebe uma proposta para jogar em um time europeu. As lideranças políticas promovem um plano que evitará a saída do atleta unificando o povo brasileiro nessa causa. A imagem do atleta vencedor é importante fonte de autoestima nacional. Em um período de fragmentação do homem frente as múltiplas tecnologias e tendências contemporâneas, *as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural* (HALL, 2006, p. 47). Dessa forma, mesmo em país de extremas contradições e diferenças regionais, o futebol exerce uma função de identidade comum expressa no conto. A paixão pelo jogo é a mesma em todo o território do Brasil. *Para o bem do nosso futebol e felicidade geral da torcida brasileira, Leleco disse que fica* (COUTINHO, 1980b, p. 29). O herói atleta é saudado como imperador.

Em *A celebração dos pés* ocorre a alusão de uma ideia bastante semelhante após a conquista da Copa do Mundo pela seleção argentina. O coronel Cornélio escreve um artigo em que exalta o efeito unificador do esporte. *Sem dúvida, o povo argentino forma, hoje, uma família unida e feliz* (COUTINHO, 1980b, p. 78). Os dois textos demonstram o caráter cultural do futebol através de uma função social.

2.2 Tipos humanos em *Maracanã, adeus*

Os personagens tipos representam artisticamente parcelas significativas do ambiente social, são personagens que a ficção suscita para traduzir a sociedade. Os contos de *Maracanã, adeus* contem um grupo de tipos humanos que reforça a dualidade barroca no conjunto da obra e, concomitantemente, estabelece vínculo com o futebol e com o período histórico da Ditadura Militar. Ao examinarem-se as narrativas, é possível destacar alguns caracteres mais comuns: o jogador, assim como o ex-jogador; os políticos; a figura da mulher

e o repórter. Também há a figura do torcedor, no entanto já houve a devida análise sobre este personagem. Em todas as narrativas o tema agregador permanece o mesmo: o futebol. Contudo, ao redor deste eixo os textos permitem uma análise interdisciplinar que reúne desde a história e a própria literatura como também a psicologia e a sociologia. De uma maneira geral, os personagens das tramas narrativas sofrem com as mazelas do meio social e vivem na linha divisória da excitação e da depressão, muitas vezes nem sequer participando do espetáculo encontrando-se apenas à margem dele. A redenção de cada personagem pode ser encontrada somente no jogo.

2.2.1 O jogador

Os contos de *Maracanã*, *Adeus* que possibilitam um estudo a respeito desse personagem-tipo jogador são: *Eleitorado, ou; O fim de uma agonia; Vadico; Bola falando grosso; Navio negreiro; O rei nu e Maracanã, adeus*.

Um traço comum a esse personagem nesses contos é a dificuldade em aceitar a passagem do tempo, principalmente, nos contos *Vadico* e *Maracanã, adeus*. A maioria dos contos flutua entre o presente, o passado e o futuro de uma forma muito rápida e com bastante fluidez. O personagem *Vadico* viveu o auge de sua carreira como jogador ao lado de Pelé, Garrincha e Gérson, como um grande ídolo do futebol brasileiro sendo aclamado pela torcida e recebendo, inclusive, o apelido carinhoso de Cem Pés devido a sua habilidade com os pés. Quando, porém, a cultura midiática surge no texto, é para apresentá-lo como ex-jogador, abandonado, sem a glória de outrora e em péssima situação financeira, uma das marcas dos ex-jogadores dos contos de Edilberto Coutinho.

O conflito psicológico desses personagens torna-se denso e insustentável ao ponto de *Vadico* e *Anselmo* perderem qualquer relação que os mantenha em contato com o mundo exterior; sufocam-se a si mesmos. Julia Kristeva, ao formular seu estudo sobre o comportamento melancólico-depressivo, afirma que *eles se apoiam, contudo numa intolerância à perda do objeto e na falência do significante* (KRISTEVA, 1989, p. 17). O objeto a que se refere pode ser de ordem profissional, sentimental, financeira ou, até mesmo, física, em relação à saúde; no caso dos personagens, a falta do espaço do jogo, do espaço das glórias, desse espaço midiático e os resultados da não aceitação do novo tempo em que estão inseridos com perda da família, com alcoolismo, velhice e pobreza, leva-os ao afastamento do

mundo empírico como forma de se defender dos golpes sofridos, porém encontra-se nesse processo o gatilho que os conduz a condição mais aviltante. A esse respeito ela diz:

O depressivo não suporta Eros, ele se prefere com a Coisa até o limite do narcisismo negativo que o conduz a Tanatos. Defendido pelo seu pesar contra Eros, mas sem defesa contra Tanatos, porque é partidário incondicional da Coisa. Mensageiro de Tanatos, o melancólico é o cúmplice-testemunha da fragilidade do significante, da precariedade do ser vivo (KRISTEVA, 1989, p. 27).

A partir do programa *O Incrível Show da Vida*, é descrita a imagem desalentadora de Vadico. Ele, que estava sendo entrevistado, falou de sua queda progressiva. A incapacidade física com as dores no joelho agredido em campo, o *status* social, as mulheres e todas as vantagens de sua carreira foram perdidos. *Mulher, moço? Quando acabou o futebol, elas acabaram também* (COUTINHO, 1980b, p. 42). Essa sequência de fatos desencadeia um estado depressivo que leva o protagonista do conto ao suicídio. A mesma sequência dramática de sucessivas quedas ocorre em *Maracanã, adeus*, quando Anselmo, jogador promissor e de grande habilidade, cai em um quadro de alcoolismo e violência doméstica, perdendo a família. Nesse processo autodestrutivo, Anselmo afunda-se mais no alcoolismo. *Dos aplausos às vaias. Tudo tão rápido. Vai mais um gole. Sem a branquinha não dá para aguentar* (COUTINHO, 1980b, p. 107). Mais uma vez o mesmo fato narrativo: a decadência do protagonista inicia-se a partir de uma série de acontecimentos em sua vida e que o leva a falência final, Vadico com o suicídio e Anselmo termina acometido de loucura.

Os contos *O fim de uma agonia* e *Eleitorado, ou* apontam para outros aspectos psíquicos do personagem tipo jogador: conflitos intrapessoais envolvendo a manutenção ou defesa de seus valores, como também as pulsões sexuais afloradas e acentuadas pelas condições favoráveis de atleta. O protagonista do primeiro conto sofre o assédio político pela sua permanência no Brasil a fim de servir como esteio eleitoral, sendo-lhe oferecido dinheiro e estabilidade enquanto os outros jogadores do time permaneciam sem receber a premiação prometida pela conquista do título. As reflexões de Leleco sobre o estado do jogador e sua transformação em mercadoria demonstram seu conhecimento a respeito das intenções do ministro e dos dirigentes do clube e, concomitantemente, sua preocupação com o futuro.

Em *Eleitorado, ou*, a própria estrutura do texto intensifica o sentimento de indecisão e conflito interno do personagem como será examinado com maior profundidade no próximo capítulo. Por enquanto, o mais importante é identificar nesse personagem uma insatisfação, assim como insegurança e incerteza sobre como se portar frente ao contexto sócio-político de sua época, principalmente, frente à repórter que *era um tesão de menina* (COUTINHO,

1980b, p.17). Em ambos os casos, os protagonistas sentem a força dos impulsos sexuais tentando tomar o controle de suas atitudes e alterando o seu comportamento.

Em *Navio negreiro* as relações familiares dominam a narrativa e mais uma vez há um exame paralelo de temporalidades. A história das gerações de jogadores da família serve de pano de fundo para a expressão do rancor mantido por Paulão devido aos comportamentos racistas sofridos pela família, além da tristeza dele e da sua esposa por se separarem do filho que sai para jogar futebol. A fala do Paulo dos Santos ao filho, *O navio negreiro ta lá fora te esperando, rapaz* (COUTINHO, 1980b, p. 66), com expressão séria no rosto e com claras demonstrações de ressentimento em relação ao Doutor Euzébio, remetem aos mesmos sentimentos cantados no poema *O Navio negreiro* de Castro Alves:

Outras moças, mas nuas e espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs!

 Um de raiva delira, outro enlouquece,
 Outro, que martírios embrutece

A super exposição do atleta, sua falta de privacidade, a idolatria que exerce, além de mais uma vez a força do desejo sexual estão descritos em *O rei nu*. E, por fim, em *A bola falando grosso*, há o sonho do menino que quer se tornar jogador de futebol acompanhado de um fantasma: o Nelci, rapaz que joga melhor do ele e disputa a mesma posição. Contudo o protagonista é protegido do chefe da força paramilitar local e, por isso, não sai do time, mas sofre com a pressão do grupo. Além disso, a mãe do personagem também vive a incerteza da realização do seu sonho: um apartamento em Copacabana. No fim, o acúmulo das incertezas e tristezas leva o menino a realizar uma ação marginal.

2.2.2 O político

O único conto em *Maracanã, adeus* em que ocorre a participação efetiva desse personagem-tipo é *O fim de uma agonia*. Em *Tem explicação, doutor?*, há apenas alusão aos políticos sem que haja participação como personagens. Ainda assim, através desses contos, é possível perceber a imagem estabelecida desse tipo de personagem.

A narrativa de *O fim de uma agonia* inicia-se com uma descrição irônica do ministro que de acordo com o narrador enquadra-se em um momento em que *a preocupação com o exterior da cabeça tinha fundamental importância, e em que se valorizava um tanto menos o que porventura houvesse (melhor, não haver) dentro dela* (COUTINHO, 1980b, p. 21). Além disso, aparece como um indivíduo arrogante, mentiroso e eloquente. Utiliza de todos os meios possíveis para alcançar seus objetivos desde chantagem emocional até a adulação e a sedução financeira.

A atuação desse personagem remete perfeitamente a imagem social que esta classe formou ao longo da história brasileira, agindo em associação com os meios de comunicação e buscando campanhas e medidas que explorem a população.

No conto *Tem explicação, doutor?*, o narrador personagem procura tratamento psicológico para entender um fato guardado em sua memória que se refere aos desmandos dos governantes militares que acentuaram a concentração de renda e as desigualdades sociais:

A crise do milagre econômico acentua o descontentamento com o regime, alvo de profundas críticas, acusado, em particular, de ter acentuado as desigualdades regionais e sociais, com uma brutal concentração de renda junto aos mais ricos (LINHARES, 1990, p. 373).

O narrador-personagem não entende as lembranças de uma correspondência que surgiram após sofrer um atropelamento e pela qual se discutia a incoerência do discurso político sobre austeridade fiscal, enquanto os políticos realizavam festas suntuosas utilizando o dinheiro público ratificando no imaginário da sociedade mais um dos caracteres comuns do político: a corrupção.

2.2.3 A mulher moderna

Em todos os contos de *Maracanã, adeus* é possível à realização de um estudo sobre a personagem mulher, com exceção dos contos *Tem explicação doutor* e *Navio negreiro*.

Nesses textos, a mulher é sempre uma pessoa de postura firme e decidida, que busca alcançar seus objetivos ou, pelo menos, é muito consciente deles. Em alguns desses contos a mulher surge como agente de seu destino não se preocupando com preconceitos e mesmo quando não realiza interferências para mudar sua sorte, surge como uma voz consciente em meio a narrativa.

É exatamente assim que Raimunda participa do enredo do conto *Preliminar*, ela não interfere diretamente a fim de modificar as condições de vida da família, mas a todo o tempo denuncia a situação de precariedade vivida pela família e, em extensão, por grande parte da população brasileira da década de 1970. Ela se queixa da sujeira, do lixo, das valas que transbordam, das doenças e da falta de comida tentando provocar em José uma reação proativa. Assim também é descrita a mulher no conto *Bola falando grosso*, pensando no futuro dela e do filho e, por isso, realizava sérias cobranças ao Agenor.

Contudo, a mulher, na maioria dos contos, é uma pessoa independente, que trabalha e sustenta-se, quer seja como repórter, quer seja como cantora ou poetisa ou ainda como prostituta, a mulher produz sua renda e toma suas decisões sem o constrangimento social circunscrito ao pensamento de uma sociedade machista.

Além desse aspecto, outro é bastante significativo ao longo das narrativas: a forma como a mulher almeja o sexo oposto sem pudor, ela dá vazão a necessidade sexual, buscando satisfação do desejo. Assim em *O rei nu*, Laura ao descrever o desempenho sexual do jogador Coronel reclama dizendo que *é um canalha mesmo, que nem funcionou* (COUTINHO, 1980b, p. 87). No conto *Mulher na jogada*, ao ser perguntada sobre o método de escrever suas memórias, a personagem Elza Soares responde que *uma boa pissiricada com o Mané, minha santa, e me sinto inspirada* (COUTINHO, 1980b, p. 102).

Porém, o caso mais interessante encontra-se no conto *A celebração dos pés* em que a personagem Olga nutre um fetiche sexual pelos pés do jogador argentino Mario A. Kemps. Através da contemplação do objeto de desejo, ela consegue satisfação na masturbação e todo esse sentimento de tesão torna-se exacerbado quando o prazer transborda transferindo-se para o pé verrugento do marido que sempre lhe causou nojo.

E, por fim, outro tabu é derrubado na escrita de Edilberto Coutinho: há muitas mulheres que gostam e entendem de futebol, fato apresentado no conto *Mulher na jogada*.

2.2.4 O repórter

Os contos de *Maracanã, adeus* que possibilitam o estudo do personagem-tipo repórter são: *Eleitorado, ou; A celebração dos pés* e a *Mulher na jogada*. A temática da reportagem aparece em outros textos, mas sem destaque para um personagem específico.

A literatura de Edilberto Coutinho permanece ao longo de sua história como escritor associada ao jornalismo, provavelmente, devido à sua atuação proeminente no meio jornalístico, além de fazer parte de um projeto artístico do escritor.

Os textos de *Maracanã, adeus* destroem a imagem de imparcialidade jornalística, pelo contrário, os repórteres dos contos adotam uma posição clara em relação ao Regime Militar: estão a favor ou contra de maneira explícita, tentando conduzir o noticiado a encaixar-se a determinado ponto de vista. Assim, no conto *Eleitorado, ou*, a repórter tenta com todo o esforço provocar uma entrevista que atinja a Ditadura Militar como no trecho:

Tá sabendo que você e seus companheiros desempenham um papel também político, de eficiente válvula de escape do seu povo? Que você é um bom cabo eleitoral dos homens do Governo? \e, se ganharem essa Copa, eles vão usar a vitória de vocês? (COUTINHO, 1980b, p. 13).

O conto *A celebração dos pés* apresenta um posicionamento contrário de um repórter enviado pelo Regime Militar para realizar a cobertura da Copa de 1978. O coronel reformado trabalhava para o jornal *Letras em Marcha* e procurou justificar o insucesso da seleção brasileira intitulado o seu artigo de Campeonato Moral, assumindo para si a fala do técnico da seleção brasileira.

Também há uma demonstração desse jornalismo comprometido no conto *Mulher na jogada*, embora que nesse caso esse aspecto esteja mais relacionado à censura prévia que ocorria nesse período histórico.

3 CULTURA, FUTEBOL E PODER

O livro de contos *Maracanã, Adeus* aborda pelo ângulo do futebol um período da história do nosso país em que a política foi controlada pelo Regime Militar através de violência, repressão, censura aos meios de comunicação e homogeneização cultural com exclusão das minorias.

Em vários dos contos o livro busca a estrutura jornalística acentuando a intenção de denunciar as mazelas de uma sociedade prisioneira de si mesma. Trata-se de textos de teor político que participam de um projeto de oposição a todo tipo de autoritarismo. Logo, são textos perfeitamente enquadrados no movimento pós-moderno uma vez, que para isso, o enredo é construído a partir de dados históricos e determinadas características que fazem parte dessa vertente literária associando o trabalho estético a luta política do autor.

Na década de 60, muitas dessas questões foram bruscamente trazidas à tona, quando político e o estético se fundiram na chamada contracultura. Assim sendo, por exemplo, afirmar a importância cultural dos movimentos pelos direitos civis nos anos 60 nos Estados Unidos não significa negar a importância política desse movimento. Na verdade, a ascensão do protesto negro militante na literatura, a qual ocorreu na década de 60, teve consequências políticas diretas (HUTCHEON, 1991, p. 89 e 90).

Há espaço nos textos para participação dos personagens *ex-cêntricos*, mostrando a importância de classes que historicamente estiveram subjugadas pelo poder: negros, homossexuais e mulheres. Assim, através dessa preocupação estética os textos contribuem para um grande enriquecimento cultural, colaboram para a formação de uma identidade nacional e ajudam a expor as relações de poder na sociedade pós-moderna.

Em relação a esse aspecto, é possível relacionar a estrutura social que se apresenta nas narrativas ao conceito de poder de Michel Foucault. O crítico e filósofo francês estabelece em livros como *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder* uma concepção de poder universalizador que está presente em todos os espaços do corpo social (FOUCAULT, 2011, p. 202). O cronista paraibano investe contra o autoritarismo presente na sociedade liderada pelos governos militares que através do sistema de espionagem e vigilância procuravam cercear os direitos individuais, contudo não acreditava que o poder emanasse exclusivamente do Estado Militar. No Brasil, essa ação de espionagem esteve presente no meio esportivo, na atividade artística, nas universidades, entre outros espaços vigiados.

A partir de 1970, o governo criou órgãos de informação dentro das universidades, as Acessórias Especiais de Segurança e Informações (Aesis ou ASIs), que fariam parte

da vida acadêmica nos anos seguintes. Na lógica dos responsáveis pela área de segurança e repressão, o expurgo dos professores e estudantes inconvenientes deveria ser seguido de constante vigilância para impedir o “retorno” das ameaças (MOTTA, 2014, p.193).

Para Foucault, é preciso compreender *que o poder não está localizado no aparelho de Estado e que nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos de Estado, em nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados* (FOUCAULT, 2012, p. 240). E sobre esse aspecto o contista paraibano diz o seguinte:

O papel do escritor é opor-se a todas as armas de destruição e do obscurantismo. Seu compromisso social tem que ser assumido com inteira e corajosa liberdade. Deve ser livre para escolher os seus temas e as palavras que melhor os expressem. Esse compromisso, entretanto, nada tem a ver com partidos políticos. Por que o escritor não pode comprometer-se a ponto de perder a sua lucidez opinativa e não pode prescindir, jamais, de sua atitude crítica. Não deve fechar-se em ideologias restritas e restritivas, tipo filiações partidárias, mas abrir-se em política ampla de idéias, sempre a favor do homem (COUTINHO, 1983, p. 108).

Em *Maracanã, adeus*, Edilberto Coutinho, apesar de demonstrar uma atuação do Estado militarizado, não ignora as diversas manifestações de poder disseminadas pela sociedade. O texto *Bola falando grosso* registra a presença de um poder paralelo que se constitui a margem da lei, esse mesmo poder tem seus mecanismos de vigilância e, por isso, o personagem Josemar é assassinado. Esse trecho aponta para um fato recorrente ao longo da ditadura. Em outros contos o poder exercido pela mídia, o poder exercido pelos dirigentes dos clubes de futebol e um poder exercido no sentido inverso, do jogador quando está no auge da carreira conforme é possível perceber em *O fim de uma agonia*.

Em introdução à *Microfísica do Poder*, Roberto Machado analisa o conceito de poder de Michael Foucault mostrando que o poder não se trata de uma coisa ou objeto e sim uma atitude frente à sociedade. Segundo ele, o poder não existe enquanto materialidade universal, antes se trata de uma ação descontínua e formada historicamente (FOUCAULT, 2012, p. 12). Não existe um lugar que escape ao poder e até os movimentos de contracultura estão inseridos como parte da cultura.

Os contos apresentam lutas contra o autoritarismo, que ocorreram por várias vezes no Brasil como no ano de 1968 na manifestação dos estudantes. Segundo o historiador Bóris Fausto, o Regime Militar dividia-se em dois grupos: o grupo da Sorbonne e o grupo da Linha Dura. O primeiro grupo era mais intelectualizado e entendia que o Regime Militar deveria durar pouco tempo, enquanto o segundo grupo era mais rígido e acreditava na necessidade do prolongamento da Revolução, como era descrita a ditadura pelos militares. As maiores

demonstrações de poder através da violência e da tortura ocorreram a partir do final da década de 60 até meados da década de 70, quando a presidência foi ocupada por membros da Linha Dura do Regime Militar. Nesse período, os governos militares tentaram oprimir toda classe de manifestantes esquerdistas.

Os desaparecimentos de oponentes políticos sucedem-se com extrema frequência: entre 1964 e 1981 são 341 pessoas que desaparecem nos porões dos órgãos de repressão. Alguns casos abalam a consciência nacional, obrigando todos a refletir sobre a miséria moral a que o país chegara. Em 1966, um sargento do Exército, expulso da corporação por motivos políticos, é encontrado com mãos e pés algemados, no rio Jacuí, no Rio Grande do Sul (O caso das mãos amarradas); em 1971, o ex-deputado Rubens Paiva, da antiga Frente Parlamentar Nacionalista, é sequestrado em sua casa e desaparece; no mesmo ano Stuart Angel, filho do figurinista Zuzu Angel, é brutalmente torturado e seu corpo jogado ao mar – em 1976, Zuzu Angel, incansável na busca do corpo do filho, morre num acidente não explicado; em 1975, o jornalista e escritor Wladimir Herzog é torturado e morto nas dependências do CODI (Centro de Operações de Defesa Interna) de São Paulo: Wladimir era um sobrevivente dos campos de concentração nazistas (LINHARES, 1990, p. 371).

Também ocorreram lutas contra formas mais tênues de poder como a desigualdade social, principalmente a partir da segunda metade da década de 70. A pobreza e a desigualdade social são problemas enfrentados pelos personagens do conto *Preliminar*.

3.1 Narrativas de violências

Edilberto Coutinho foi o primeiro brasileiro a receber o Prêmio *Casa de Las Américas*, de Havana, em 1980, pelo livro de contos: *Maracanã, Adeus*. Neste volume, com 11 contos, ele penetra em meandros da sociedade brasileira, através da cultura futebolística no Brasil, a fim de denunciar a manipulação das massas populares pela elite socioeconômica e, ainda, descobrir os preconceitos disfarçados da sociedade.

O livro foi escrito durante o momento final da Ditadura Militar e segue uma corrente literária que procura reconstruir o discurso autoritário guardado na memória coletiva. Ao refletir sobre esse aspecto, Beatriz Sarlo afirma o seguinte: *Durante La dictadura militar algunas cuestiones no podian ser pensadas a fondo, se las resolvaba con cautela o se las soslayaba a la espera de que cambiaram las condiciones políticas* (SARLO, 2007, p. 23). Tais condições surgiram e, uma vez que entendimento/conhecimento é poder, os contos revelam os desmandos daquele governo autoritário, além de alguns traços culturais brasileiros, reforçados por um período de alienação educacional e propagação da ideologia

dominante, já que o discurso concorrente tinha sua voz silenciada por causa da censura e da repressão às manifestações populares. Esses foram instrumentos de poder que procuravam manter a população sob controle do Estado Militar e, aliás, são justamente essas relações de poder que orientam o discurso narrativo em seu entrelaçamento com o discurso histórico.

Os contos recriam o ambiente ditatorial misturando um referente mimético a elementos alegórico-líricos procurando denunciar as ações de violência praticadas durante esse período. O jornalista Lúcio de Castro produziu um trabalho de pesquisa sobre a Ditadura Militar no Brasil conseguindo através da fala de historiadores e de pessoas que sofreram o processo de repressão e violência recuperar detalhes a respeito do modelo de controle exercido pelos militares, inclusive mencionando *uma repressão cotidiana, infiltrada nas agências de informações que monitoravam a vida da sociedade brasileira* como relatado pelo historiador Carlos Fico no documentário.

Há uma identificação entre o conceito foucaultiano de história e controle social e os textos de Edilberto Coutinho: a existência de uma dominação que se exercia pela força, mas também por vários mecanismos de manipulação maciça da população. Um sistema que procurava homogeneizar um povo culturalmente híbrido e, por causa dessa preocupação, classificar as diferenças. Nesse sentido, os contos de *Maracanã*, *Adeus* apresentam a voz das chamadas minorias oprimidas pelo preconceito construído e espalhado na sociedade ou, como conceitua Linda Hutcheon, dão voz às personagens *ex-cêntricas*, apresentando uma ideia de país plural.

Ser *ex-cêntrico*, ficar na fronteira ou na margem, ficar dentro e, apesar disso, fora é ter uma perspectiva diferente, que Virginia Woolf (1945,96) já considerou como sendo "alienígena e crítica", uma perspectiva que está "sempre alterando seu foco" porque não possui força centralizadora (HUTCHEON, 1991, p. 96).

Os textos apresentam o negro, a mulher e o homossexual como membros legítimos da sociedade demonstrando seus valores culturais. Porém, não esconde a pressão sofrida por esses grupos durante um período de rigidez nas instituições e no pensamento. Sendo assim, alguns contos funcionam como denúncia em defesa das minorias, em *O fim de uma agonia* e *Navio negreiro* apontam para um processo de preconceito e exploração do negro; em *Preliminar*, *Bola falando grosso* e *A celebração dos pés*, a mulher defronta-se com o pensamento machista que acredita na inferioridade feminina e, ao mesmo tempo, com a ideia do direito masculino sobre a mulher. É, por isso, também, que esses contos se apresentam pela forma de hibridismo textual, ou seja, realizam a associação de diferentes gêneros textuais e de diferentes níveis linguísticos em cada narrativa.

Alguns contos do livro *Maracanã, Adeus* apresentam um forte teor político uma vez que pertencem a um projeto de engajamento contra o autoritarismo e a violência vigentes durante a Ditadura Militar. De acordo com Darci Ribeiro *a segunda característica distintiva da ditadura brasileira é sua natureza repressiva, manifesta na escalada das mais violentas formas de repressão a qualquer tipo de oposição* (RIBEIRO, 1975, p. 132). Um exemplo das numerosas ações de brutalidade do regime Militar deu-se com a professora universitária Cecília Coimbra. Ela relatou ter sofrido tortura com sessões de choque estando nua e com o corpo molhado. A professora também sofreu abuso sexual por diversas vezes. Cecília Coimbra foi torturada com o pau de arara e foi obrigada a assistir seu marido sendo torturado (MUNTREAL; MARTINS, 2010, p. 249 e 250). Em relação a essa atitude na literatura do período ditatorial, Alfredo Bosi afirma o seguinte: *O melhor da literatura feita nos anos de regime militar bateria, portanto, a rota da contraideologia, que arma o indivíduo em face do Estado autoritário e da mídia mentirosa* (BOSI, 2006, p. 465).

Na corrente da literatura pós-moderna, tais contos se enquadram na categoria de textos políticos já que não possuem caráter conclusivo em relação à matéria de extração histórica. Pelo contrário, o desfecho de cada conto se *mantém suspenso, indefinido* (BASTOS, 2007, p. 99). Contudo, embora os contos as adotem em variedade diversa, possuem como conjunto muitas características dessa narrativa pós-moderna. A utilização da paródia, da carnavalização, da heteroglossia e da intertextualidade fortalece esse caráter político de engajamento, assim como a participação dos personagens excêntricos.

3.2 Análise de dois contos: *eleitorado, ou e mulher na jogada.*

Nestes contos, segundo Silviano Santiago, é possível perceber exemplos perfeitos de narradores pós-modernos.

3.2.1 Eleitorado, ou

Neste, que é o segundo conto do livro, há a criação de uma entrevista com um jogador de futebol em que a jornalista provoca o atleta com o tema da consciência política. Através de perguntas como *Tá sabendo que você e seus companheiros desempenham um papel também político, de eficiente válvula de escape do seu povo?* e *E, se ganharem essa Copa, eles vão usar a vitória de vocês?* (COUTINHO, 1980, p. 13), pressiona o jogador a tomar uma posição em relação ao autoritarismo do governo. O tom de urgência do texto acentua o caráter de denúncia contra o regime militar.

Contudo, é no plano das respostas que o conto se torna mais interessante. Apesar do estilo fluido e próximo da oralidade comum às entrevistas, o autor utiliza um esquema barroco de oposições binárias centrado na conjunção coordenada alternativa *ou*. Essa estrutura possibilita, no mínimo, três interpretações pelas quais se podem analisar o tema do autoritarismo: primeiro, a utilização da conjunção alternativa e da oposição binária de respostas favorece a manifestação de diferentes verdades; em segundo lugar, o texto apresenta com esse modelo as duas posições que podem ser adotadas em relação ao regime militar; por fim, deixar o final do texto é deixado em aberto, esperando uma conclusão que pode ser atribuída pelo leitor.

Na primeira aceção, é possível perceber no conto a ideia de múltiplas verdades acentuada pelo uso da conjunção alternativa. As respostas do atleta são sempre duplas e mediadas pela conjunção. Essa duplicidade mostra que não existe apenas uma única versão da história, revela a existência de verdades coexistentes sobre o mesmo período, porém, o conto evidencia a tentativa de ocultar um desses pontos de vista. A classe poderosa é representada no texto de maneira mais categórica pelo major médico da seleção, que se referindo à entrevista, fala ao jogador *garoto inteligente, você, hem? Rapaz educado, politizado, hem?*(COUTINHO, 1980b, p. 15). Com esse comentário, ele deixa uma ameaça implícita a respeito da divulgação de determinadas opiniões e informações sobre o governo. Já quando a resposta apresenta um ponto de vista favorável ao regime, o médico major afirma *garoto discreto, você, hem? Gostei de ver que não foi de vez na onda daquela mocinha, jornalista é bicho perigoso, gosta de inventar, envenenar tudo, é preciso muito cuidado com o que se diz* (COUTINHO, 1980b, p. 16). Torna-se evidente a manipulação e a escolha do discurso a ser

emitido, divulgado. Ainda assim o médico deixa uma ameaça *ele disse para não me descuidar do joelho e da musculatura da coxa.*

Na segunda aceção, é possível ler no conto as possibilidades de posicionamento frente ao regime militar. Nessa história há uma dicotomia representada pelos pares de respostas: a primeira resposta indicando participação política e a segunda resposta a ausência de participação devido à preocupação com os projetos particulares. Desse modo é feita uma leitura da população brasileira durante o período de ditadura.

Logo que começa a entrevista surge a pergunta *Tá sabendo que....se ganharem essa Copa, eles vão usar a vitória de vocês?*. E na primeira resposta *...é duro, moça, a gente não deixa de ser cabo eleitoral e desse governo aí, e a gente não devia ter nada a ver com ele* (COUTINHO, 1980b, p. 13), a postura política é bastante clara: desaprovação do governo e vontade expressa de desassociar a imagem do atleta e do esporte em relação ao regime militar. Nesse caso, pode se pensar em uma alusão a um modo de proceder que desafie a organização do poder vigente, a uma parcela da população, que, apesar de violentamente oprimida, não se rendeu a um governo déspota. Após a conjunção *ou* surge a segunda resposta *esse negócio de política, moça, não tem nada a ver, tou por fora, tá sabendo?, não entendo não, meu negócio é só jogar bola*, em que há a posição de afastamento dos assuntos políticos. Não existe uma luta contra o regime militar, nem tão pouco a favor, apenas a opção de manter distância do envolvimento desse assunto. A dualidade do pensamento do atleta pode apontar para uma parcela da população que esteve à parte da discussão política. Além disso, existe uma grande preocupação com o particular, no caso, a carreira como no trecho *minha única preocupação agora, moça, tem que ser a minha profissão, é a bola,...um jogador é antes de tudo um jogador.*

Entretanto, a essa fala também transparece uma consciência precisa de que em um momento de repressão ainda não era possível declarar tudo o que era preciso. Assim, como parte dessa segunda resposta, aparece *ainda não é hora de falar* fala que está de acordo com a primeira resposta à pergunta *ainda não tinha chegado a hora, me trambiquei.*

E, na terceira aceção, a conjunção coordenada alternativa permite a suspensão da conclusão do conto, ou seja, o final do texto permanece em aberto e pode ser completado pela visão do leitor. Contudo, se for feita uma leitura em que não haja uma ruptura com a estrutura narrativa, o leitor precisará tomar uma posição crítica ante o autoritarismo.

3.2.2 Mulher na jogada

O penúltimo conto do livro também apresenta um ar documental na medida em que, a exemplo do conto *Eleitorado, ou*, foi escrito sob o estatuto jornalístico. Esse aspecto do texto invoca uma expectativa de veracidade que traz ao leitor mais uma vez a questão das relações entre ficção e realidade.

No texto, os personagens históricos Elza Soares, Garrincha, Ana Amélia e Marcos de Mendonça têm bastante relevância, tendo inclusive os papéis de protagonistas nos casos de Elza Soares e Ana Amélia. Essa característica é bem peculiar à literatura pós-moderna que se preocupa com a releitura da história e a recuperação de pontos de vista ocultados pela historiografia oficial. Além disso, é importante notar a posição proeminente das personagens femininas na história: em um texto cujo contexto é o futebol a presença da mulher faz-se notável enquanto participação do excêntrico já que esse esporte *É um reduto do masculino* (BOSI, 2010, p. 151). A participação das personagens através de depoimentos permite a construção de uma história que contemple a voz feminina.

A personagem Elza Soares se defende de um rótulo de destruidora de lares que a cantora recebeu ao se relacionar amorosamente com o jogador Garrincha. *Não sou desse tipo de mulher que chamam de destruidora de lares. Ele teve muitas outras no Brasil e fora daqui* (COUTINHO, 1980b, p. 95-96). Ela declara sua ausência de culpa na questão uma vez que o motivo apresentado para a separação, infidelidade conjugal de Garrincha, não foi um comportamento incomum na vida dele.

Além disso, essa personagem também aborda temas como violência familiar e discriminação. Ela pode ser identificada com várias mulheres que também sofreram abusos e violência na história do Brasil, assim como preconceito racial: casou-se com um homem branco de descendência italiana que a humilhava por causa de sua cor de pele e batia nela. Dessa forma, ela aparece como uma representante de classe oprimida e que procura um espaço próprio de afirmação. Mesmo depois de casada com Garrincha, sofreu preconceito, sendo impedidos de entrar em determinados lugares por uma questão racial.

Em relação à personagem Ana Amélia é interessante notar a participação da escritora no incentivo e difusão do futebol no Brasil. O escritor Edilberto Coutinho no livro *Criaturas de Papel* revela ter entrevistado a poetisa Ana Amélia, quando descobriu que a escritora trouxe bolas de futebol da Europa e ensinou o esporte para os empregados da fábrica de seu pai. É como está escrito no conto, *Ana Amélia contribuiu, a seu modo, para difundir e popularizar o*

futebol (COUTINHO, 1980b, p.100). Também é creditado à poetisa um comportamento pioneiro na poesia: *foi à primeira, entre nós, a tratar o futebol em termos de poesia* (COUTINHO, 1980a, p. 114). Em um esporte tão masculinizado no corpo social, essas informações, que são pouco conhecidas do brasileiro em geral, colocam essa mulher em posição de destaque nesse assunto.

Em relação a essa entrevista de Ana Amélia pode se dizer que ocorreu uma ficcionalização do ato histórico. Mesmo que em moldes diferentes dos apresentados no texto, conforme o próprio autor afirma no livro *Criaturas de Papel*, é uma entrevista marcada historicamente, ou seja, foi realizada de fato na atuação de Edilberto Coutinho como jornalista. Enquanto a entrevista de Elza Soares, criada no texto, apesar das diversas entrevistas dadas pela cantora ao longo da carreira, não pode ser confirmada, sofre um efeito de historicidade, quando confrontada à de Ana Amélia.

A estrutura do texto escrito em forma de entrevistas permitiu ao autor abordar um aspecto bastante presente nos governos militares: a censura à imprensa. Sob o símbolo do nono andar aparece o autoritarismo do regime militar limitando a liberdade de imprensa e expressão uma vez que o conto estabelece esse espaço como a fonte da censura e do controle editorial do veículo de imprensa. O nono andar procurava manter as matérias do jornal de acordo com as exigências da época.

Durante o conto as falas de Elza Soares foram editadas excluindo os palavrões e todo o depoimento sobre o racismo, já que *o Nascentes tem um livro de apoio à tese da democracia racial brasileira* (COUTINHO, 1980b, p. 103). Modificou-se o final da entrevista para torná-la politicamente correta. As falas da poetisa Ana Amélia também sofreram alterações, embora mais sutis: *O editor da matéria condenou o termo assumidão* (COUTINHO, 1980b, p. 96). Contudo, no caso da segunda entrevista, houve maior aprovação e devido a um grau de identificação acadêmica entre os agentes do nono andar e Marcos Mendonça, esposo de Ana Amélia, ocorreu um acréscimo considerado elogioso ao texto desta entrevista.

Nenhum corte, desta vez? Ao contrário, garota. Tem até acréscimo, sugerido pelo nono andar. (A fofquinha ficou sabendo que o diretor-presidente do *Jornal da Nação* era também historiador e, portanto, colega de Marcos.) Bota este final aí na tua reportagem, meu anjo. Foi o próprio Nascentes Borges quem redigiu. (COUTINHO, 1980b, p. 102-103).

O conto foi construído a partir de um conjunto de oposições binárias presentes nas entrevistas justapostas em colunas paralelas que constituem a estrutura do conto, apontando para dois grupos distintos na cultura do futebol no Brasil. O texto opõe um casal de negros com origem operária e um casal de brancos com origem aristocrática. Além disso, opõe a

linguagem popular ao vocabulário rebuscado e a estrutura parnasiana de versos alexandrinos e rimas ricas. Um período em que o futebol já era o esporte nacional a outro, anterior, em que se tratava apenas de esporte das elites.

Nesse processo, recursos linguísticos como a intertextualidade, a polifonia, a heteroglossia e a ironia intensificam tais oposições. Em meio à narrativa, as entrevistadas recorrem as suas profissões, Elza Soares, cantora, e Ana Amélia, poetisa, para estabelecer intertextualidade através da poesia. A primeira através do samba, ritmo popular, como no trecho em que a sambista canta versos sobre o amor que se identificam com a relação vivida por ela com o jogador Garrincha. A canção antecipa a ideia central que estará presente na trajetória de Elza Soares narrada no conto: *Esse nosso amor / não tem mais jeito. / Aprendi a mar os seus defeitos. / Esse nosso enredo / ainda vai acabar virando mais um samba popular* (COUTINHO, 1980b, p. 94). E a segunda através de poesia épica inspirada nos ideais clássicos evoca o esporte em uma aura de idealismo como no trecho: *Como um guerreiro grego, após uma vitória, / trazia à bem-amada a coroa de louro, / tu me vieste trazer esta medalha de ouro, / símbolo do fulgor que auréola tua vitória* (COUTINHO, 1980b, p. 94).

Há uma completa mistura dos registros coloquial e formal que aumenta a distância entre as personagens uma que o registro formal se identifica com a poetisa Ana Amélia e o registro informal está associado no conto a cantora Elza Soares, que utiliza diversas gírias. É interessante notar o início das respostas das personagens no fim da página 94 do livro. A sambista inicia a frase com uso de pronome em próclise, *Me convidaram*, e a poetisa usa corretamente o pronome em enclise, *Convidaram-me*. A própria oposição de uma mulher negra e uma mulher branca, que por suas situações singulares não partilham das mesmas interdições, mas também o contraste entre pobreza e riqueza. Além de outras, como a diferenças nas trajetórias de vida e de nível acadêmico dos dois casais, que juntas apontam para duas realidades distintas em um Brasil de chuteiras dominado pela repressão e autoritarismo.

Esse é outro conto em que o final permanece em aberto já que as duas entrevistas terminam falando da felicidade amorosa dos casais e não encerram os temas apresentados, nem chegam a reconstruir um acontecimento histórico de maneira categórica, podendo ser considerado um conto político, assim como o anteriormente analisado.

4 UM CONCEITO LITERÁRIO EM *MARACANÃ, ADEUS*

É preciso antes de qualquer exposição referente ao capítulo que se segue estabelecer alguns pontos em relação às teorias intencionalista e anti-intencionalista. Na primeira vertente ocorre uma incessante busca do que o autor quis dizer com a obra, qual a sua mensagem através do texto como se a intenção do autor fosse a única possibilidade válida de leitura e interpretação literária. Em contrapartida, a posição daqueles que se opõe a presença da intenção do autor na obra baseia-se em duas premissas básicas: a intenção do autor não é pertinente e, em segundo lugar, a obra sobrevive à intenção do autor. Dessa forma, os anti-intencionalistas negam qualquer possibilidade de perceber a intenção do autor no texto. Ambas as posições apresentam fragilidades teóricas e, por isso, é necessário desvencilhar-se desse dualismo conceitual. É possível seguir uma alternativa.

O fato de considerar que as diversas partes de um texto (versos, frases, etc.) constituem um todo pressupõe que o texto represente uma ação intencional. Interpretar uma obra supõe que ela responda a uma intenção, seja produto de uma ação humana. Não se deduza que estejamos limitados a procurar intenções da obra, mas que o sentido do texto esteja ligado à intenção do autor, ou mesmo que o sentido do texto seja a intenção do autor (COMPAGNON, 2012, p. 93).

Não é coerente acreditar que um texto expresse unicamente a vontade clara e expressa de seu autor, entretanto é igualmente incoerente pensar na obra como um conglomerado de sentidos surgidos através do acaso. Dessa forma, essa pesquisa não foi realizada na pretensão de esgotar os possíveis sentidos de *Maracanã, adeus*, antes estabelecer uma interpretação que leva em consideração uma presunção de intencionalidade por parte do autor. Não se espera criar uma verdade absoluta, pelo contrário, procura-se através da pesquisa aumentar o conhecimento do autor e sua obra.

4.1 Edilberto Coutinho e sua obra

O universo literário de Edilberto Coutinho parece convidar o leitor a participar de um espetáculo. O jogo de linguagem desenvolve-se como uma partida de futebol. As variações táticas utilizadas por um treinador como 4-4-2, 3-5-2, 3-4-3, ou até mesmo o antigo WM, estão nas mudanças de estilo perceptíveis de um conto a outro.

Há uma busca pelo desafio do diferente. Em *Maracanã, Adeus* os personagens, narradores e estruturas narrativas caminham em direção à diversidade. Isso se dá pela necessidade de trapacear com a língua. Segundo Roland Barthes, a língua funciona mais pelo que obriga do que pelo permite, mas Edilberto Coutinho procura fugir das obrigações impostas pela língua e pelas convenções literárias tradicionais, aqui não há espaço para repetição de modelos e sim de experimentação da linguagem.

Quando em *Celebração dos pés* o texto inicia com a frase *A biografia dos pés*, é possível perceber que não se procura seguir padrões, evitando até mesmo os sentidos mais óbvios dos vocábulos. Ocorre uma busca da carnavalização, desde o início o coronel Cornélio, qualificado como bilaquiano birruguento, intitula o seu primeiro artigo: A GRANDEZA DA PÁTRIA NOS TRAZ. Ele foi enviado como jornalista para cobrir a Copa do Mundo de 1978, campeonato em que a Argentina foi campeã sob suspeitas de favorecimento. Cesar Menotti, técnico da Argentina, torna-se personagem para dar resposta ao famoso *slogan* criado que afirmava o Brasil como o campeão moral daquela Copa. A resposta foi muito irônica e desconstruiu a matéria inicial do coronel.

Depois de tantas noites insones, o capitão Claudio podia ter dormido sem a gozação de Menotti: Felicito o técnico brasileiro pelo Campeonato Moral. Espero que ele cumprimente o técnico argentino pelo título ganho no campo. Realmente, caros telespectadores, a história das Copas do Mundo não é escrita por seleções que não perdem, mas por seleções que ganham (COUTINHO, 1980b, p. 79).

Há, nesse processo, uma expansão do texto em uma linguagem diversificada pelo uso da intertextualidade em trechos que citam versos de Olavo Bilac e frases de Machado de Assis, misturadas com outros trechos em que o conto prossegue através da escrita jornalística. Essa mistura de linguagens diversificadas, desde o mais alto padrão conservador até a linguagem oral, passando pela língua da comunicação de massa mostra um esforço polifônico. O artifício aparece na presença de um narrador onisciente em um contexto em que nenhuma certeza é possível, há, na verdade, uma certeza artificial que desmente as verdades contadas e desmente a si mesma.

A linguagem de *Maracanã, adeus* assim como se apresenta no conto *Celebração dos Pés* reformula a si mesma através dos processos de heteroglossia e intertextualidade utilizando diferentes registros discursivos provenientes de diversas origens. A linguagem deixa descoberta a ilusão. O coronel Cornélio iludido com a suposta capacidade dos comandos militares brasileiros liderarem a seleção brasileira rumo ao título, iludido com sua ideia de superioridade masculina, iludido com seu conhecimento literário e iludido com a reivindicação de um campeonato moral. A linguagem quebra com o discurso construído e

mantido a qualquer custo pelo poder e mostra a superficialidade de toda a verdade contada. A ilusão. Assim, a língua precisa ser desnudada nas suas artificialidades e Edilberto consegue realizar essa operação com doses bem aplicadas de ironia. O artifício torna-se mais intenso, pois quando o coronel sonha suas falsas ilusões transparecem outra verdade.

Concomitante a essa superfície, encontra-se o gozo da língua. Jogar com a língua para fora do poder é usufruir do tesão do texto, da mistura da alegoria e da mimese, na denúncia do horror empírico e da atração pelo insólito. Dessa mistura desequilibrada é que se entende o panorama individual e coletivo da língua. A masturbação motivada pelo desejo do outro, o exercício de prazer próprio do falante que não faz sentido sem um ouvinte. Ter a palavra é ter o poder, é ter o prazer. Até mesmo as verrugas que causavam tanto nojo a Olga tornaram-se objeto de excitação. A transferência de foco do pé formoso de Mario Kempes para o pé verrugento do coronel é seguido de dor. A emoção do jogo é a mesma da vitória sobre a língua, sobre o formalismo engessado. Vitória que deixa suas marcas sobre o vencedor e sobre a vencida. O texto *Celebração dos Pés* permanece como enigma.

O protagonista de *Tem explicação, doutor?* procura uma resposta, mas nenhuma é dada. Em formato pouco literário, um conto em forma de carta, ou como exposto na Estética da Criação Verbal, um gênero de discurso secundário se apropria de um gênero do discurso primário (BAKHTIN, 1978, p. 281), mistura diversos assuntos: política, corrupção, cinema, turismo e futebol. O paradoxo está na impossibilidade da carta que mais uma vez no campo da imprecisão lida com as paixões e com as decepções causadas pelo contexto histórico e pela luta contra a própria língua. E toda a luta contra a língua é extremamente difícil e, por isso, Roland Barthes afirma a necessidade de uma teimosia do escritor.

Pode-se dizer que nenhum dos escritores que partiram de um combate assaz solitário contra o poder da língua, pôde ou pode evitar ser recuperado por ele, quer sob a forma póstuma de uma inscrição na cultura oficial, quer sob a forma presente de uma moda que impõe sua imagem e lhe prescreve a conformidade com aquilo que dele se espera. Não há outra saída para esse autor senão o deslocamento – ou a teimosia – ou os dois ao mesmo tempo (BARTHES, 1978, p. 26).

Edilberto Coutinho, seguindo este modelo, procura construir uma obra que esteja direcionada no sentido da diversidade linguística e literária. Pode-se dizer que o contista paraibano é um teimoso no sentido Barthes e reúne recursos de escrita como a ironia, e paródia, a intertextualidade, assim como outros na busca do deslocamento. *O escritor é aquele que sabe trabalhar a língua situando-se fora da língua, é aquele possui o dom do dizer indireto* (BAKHTIN, 1992, p. 337).

Em *Maracanã, adeus* os contos têm diferenças estruturais e utilizam técnicas narrativas que fazem com que o conjunto da coletânea escape à tradição conservadora,

atendendo às exigências contemporâneas. Há um impulso perceptível nos textos de Edilberto Coutinho a favor da pluralidade textual e contra o autoritarismo, contra a imposição de modelos de escrita e contra o pragmatismo da língua. Este aspecto está presente várias vezes nos diversos conto; um exemplo ocorre no final do conto *Preliminar* em que os espaços em branco em meio a narrativa propiciam uma reconfiguração estrutural.

Domingo de noite. Dona Raimunda, uma fera com a sorte da vizinha. Aquela cretina, Zé, foi sorteada no concurso Mala da Sorte, do Programa Cecê, Zé. Mas José curtindo ainda as emoções da tarde: Uma pena, Rai, que não passem na tevê a preliminar, mulher, tu ia ver; pois a sortuda, Zé ganhou uma televisão a cores. Desse tamanho, Zé (ah, o sorriso do Cecê, entregando o prêmio, ah, o Cecê, tava mais bonito que o Tarcísio Meira no *Semideus*), aquele gol foi um negócio tão bonito de ver, Rai, que me deu uma coisa, e veio aquele choro repentino, Rai (adianta contar pra ela?)
 essa cretina, essa cretina, Zé
 vi outras pessoas chorando, Rai
 tivesse televisão a cores, Zé
 tinha driblado toda a defesa do Fluminense, aqueles garotões fortudos que a gente tava vendo tudo criado a beibivite, tudo vitaminado, tudo queimadão de praia, e o mulecote Feijão, maneirinho, franzino, driblou eles todos, um a um, a torcida em pé na arquibancada... (COUTINHO, 1980b, p. 8)

É possível perceber nos contos a intenção de quebrar a rotina da escrita variando com as possibilidades narrativas formando um jogo estrutural. Em alguns contos prevalece o modelo de reportagem como *Eleitorado*, ou *Mulher na jogada*, em outros textos há uma estruturação em torno de um *feedback* ou até trocas consecutivas de passado e presente como em *Vadico*, *Navio negreiro* e *Maracanã, adeus*, alguns textos sofreram cortes formando cenas cinematográficas como *O fim de uma agonia*, *Bola falando grosso* e *O rei nu*. Também é preciso mencionar que *Tem explicação, doutor?* Foi escrito em forma de carta.

Além desse aspecto, pode-se destacar a forma híbrida das narrativas permeadas de intertextualidade e caracterizando textos polifônicos. Os contos realizam a releitura de momentos marcados historicamente especialmente em *A celebração dos pés*, *O rei nu* e em *A mulher na jogada*. Também há estreita relação dos contos com outros textos evocando a presença de outros autores como Castro Alves, Olavo Bilac e Machado de Assis, assim como de elementos da cultura helênica. É possível perceber de maneira bastante clara essa técnica narrativa ao longo dos contos como acontece em *O fim de uma agonia* que apresenta em alguns momentos a fala do narrador, em outros trechos de Olavo Bilac e Augusto dos Anjos e também apresenta o modelo de um discurso político. Em outros trechos desse conto aparecem estruturas diversificadas como texto de gênero dramático e uma carta.

Pare, interrompeu bruscamente o ministro. E na poesia? Na poesia?
 O assessor depois de saltar algumas páginas (viu que havia embolado a jogada, e pigarreou nervosamente):
 Na agonia de tantos pesadelos / Uma dor bruta puxa-me os cabelos.

Num gesto involuntário, o ministro afofou os cabelos:
 De quem é isto?
 Augusto dos Anjos, senhor ministro.
 O ministro parece meditar.
 Tem uma do Olavo Bilac, senhor ministro, nosso grande vate, líder da campanha do serviço militar obrigatório. Uma das mais frementes necessidades nacionais da época, blá blá blá, não precisa me dizer, vamos lá, leia, vamos.
 O assessor:

 Transmonta fulvo o sol. E a natureza assiste
 Na mesma solidão e na mesma hora triste
 À agonia do herói e à agonia da tarde (COUTINHO, 1980b, p. 26)

Ele: Rabuda sem-vergonha.
 Ela: Negro fedorento.
 Ele: Rameira. Piranha. Catraia.
 Ela: Filho da Puta. Viado. Safado.
 Ele: Plaft (uma bolacha bem aplicada).
 Ela: Puto puto puto.
 Ele: Plaft plaft plaft.
 Ela: Crioulo de merda.
 Ele: Branquela nojenta.
 Ela: Mete esse picão preto gostoso no meu cu de merda.
 Ele: Vai a verga toda. Vira o rabo, rabuda.
 Ela: Me rasga toda, coração.
 Meia hora depois deixaram o motel. (COUTINHO, 1980b, p. 30).

Diversos estratos de linguagem, desde o nível formal, culto em estrutura poética até o informal, próximo à oralidade e chegando até, segundo a sociolinguística, ao nível popular com uso de gírias e palavrões, caracterizando o recurso de heteroglossia. Essa diversidade no estilo mostra a preocupação de Edilberto Coutinho com seu projeto de escrita que privilegia a polifonia como característica estilística, os textos comunicam-se com a tradição fundada e estabelecida; na verdade, *todos os grandes escritores participam de tal diálogo; participam com sua obra como uma das partes desse diálogo* (BAKHTIN, 1992, p. 392). Mas também neles é possível perceber a voz dos diversos personagens, não havendo vantagens para pontos de vista dominantes, antes as minorias ganham oportunidade de expressão.

Em *Maracanã, adeus* ocorre um trabalho empreendido a fim de libertar a língua de suas obrigações formais e dar-lhe fluidez de sentido cambiante que escape ao poder da rotina. Nisso, há uma espécie de atuação que em outras palavras poderia se chamar deslocamento de sentido.

Ao mesmo tempo teimar e deslocar-se, isso tem a ver, em suma, com um método de jogo. Assim não devemos espantar-nos se, no horizonte impossível da anarquia languageira – ali onde a língua tenta escapar ao seu próprio poder, à sua própria servidão –, encontramos algo que se relaciona com o teatro (BARTHES, 1978, p. 28).

Um dos recursos utilizados pelo poeta nos contos para lutar contra o poder da língua e criar textos de caráter dialógicos é o discurso indireto livre conforme ocorre no conto *Preliminar*:

A mulher se queixa da sujeira, botaram umas caçambas aí mas o pessoal continua jogando o lixo em qualquer parte, no primeiro do Bangu, negócio lindo, uma pintura, o Laerte recebeu a redonda no meio campo, pelo lado esquerdo, arrancou para o ataque, passou pelo ponta Astolfo, que recuou para dar combate, dia de chuva se anda com dificuldade entre as valas, ratos e lixo, dividiu com o Bombril, levou vantagem e foi à linha de fundo, e ainda chamam esse lugar de Vila Progresso, cruzou para Nicanor, que penetrou na corrida e escolheu o canto, tinha mais que se chamar Atraso. Aos 18 minutos do primeiro tempo. (COUTINHO, 1980b, p. 5).

O conto passa a ter narradores múltiplos quando o narrador onisciente tem sua voz fundida com a dos personagens José e Raimunda. O recurso do discurso indireto livre destrói a força de univocidade do narrador tradicional permitindo a participação de personagens e narradores no mesmo espaço textual. Não existe linearidade de tempo, nem linearidade narrativa, há uma tentativa constante de dissipar os limites entre as perspectivas discursivas.

4.2 O gênero conto e Edilberto Coutinho

O livro *Maracanã, adeus* é um dos melhores trabalhos literários de Edilberto Coutinho que se dedicou ao longo da carreira como escritor do gênero conto. Também produziu textos científicos muito importantes como o *Erotismo no romance brasileiro; anos 30 a 60* de 1967, *Rondon e a integração amazônica* de 1968, a *Presença poética do Recife* de 1969 e, ainda seus trabalhos sobre José Lins do Rego e Gilberto Freyre, além do outras pesquisas. Paralelamente, realizou um ótimo papel como jornalista, mas a sua atuação como contista foi elogiada por diversas vezes, sendo o objeto de atenção deste estudo.

Ao se considerar esse aspecto, é importante analisar o gênero conto e a teoria construída para entender que razão levou Edilberto Coutinho a privilegiar esse estilo de escrita em sua obra literária e se de alguma forma o entendimento do escritor em relação a esse modelo de texto pode acrescentar novos paradigmas a teoria do conto.

Talvez o melhor caminho seja iniciar esse processo com alguns postulados teóricos. E sobre o tema em questão não se pode deixar de mencionar Edgar Allan Poe:

No final, Poe caracteriza o gênero da novela: “Um escritor hábil construiu um conto. E ele conhece seu trabalho, não modelou seus pensamentos sobre seus incidentes, mas depois de haver concebido com cuidado e reflexão um certo efeito único que se

propõe produzir, inventa incidentes – combina acontecimentos – que lhe permitem obter esse efeito preconcebido (EIKHENBAUM, 1973, p. 165).

Para o contista americano, a novela, ou conto, precisa objetivar um efeito único no leitor, nenhuma palavra pode ser utilizada levianamente e sem propósito, por isso, o texto deve ser curto e todo ele apontar para a conclusão onde se instalará o clímax. Segundo Poe, o conto apresenta a vantagem de manter o poder do escritor sobre o leitor já que a leitura do texto pode ocorrer sem interrupção diferente do que acontece no romance que pela sua extensão faz com que haja pausas de leitura. O russo Boris Eikhbaum mantém uma relação de concordância com Poe quanto a como deve ser o conto:

Short story é um termo que subentende sempre uma estória e que deve responder a duas condições: dimensões reduzidas e destaque dado à conclusão. Essas condições criam uma forma que, em seus limites e em seus procedimentos, é inteiramente diferente daquela do romance (EIKHENBAUM, 1973, p. 162).

Nessas definições, há um destaque para o tamanho do texto a fim de que seja considerado um conto, porém mais do que o seu tamanho o efeito que exercem sobre o leitor parece ser o foco dos teóricos e, por isso, a necessidade de manter o clímax no desfecho, diferentemente do romance em que ocorre em um momento anterior. Busca-se no conto o maior efeito com o menor número de palavras, é a chamada economia dos meios narrativos.

Também há autores que ao tentar definir o conto apontam como uma de suas características a captação do presente semelhantemente a uma fotografia cristalizando instante:

É justamente por esta capacidade de corte no fluxo da vida que o conto ganha eficácia, segundo alguns teóricos, na medida em que, breve, flagra o momento presente, captando-o na sua momentaneidade, sem antes nem depois....Assim concebido, o conto seria um modo moderno de narrar, caracterizado pelo seu teor fragmentário, de ruptura com o princípio de continuidade lógica, tentando consagrar este instante temporário (GOTLIB, 2004, p. 55).

Ao longo das décadas, muitos críticos e teóricos literários estabeleceram regras de como se deveriam escrever contos como Vladimir Propp que, ao escrever a *Morfologia do conto, encontrou cerca de 150 elementos que compõe o conto e 31 funções constantes, cuja sucessão no conto, é sempre idêntica* (GOTLIB, 2004, p. 21). Contudo, Nádia Batella acredita que o exagero de regras para se escrever sacrificara o conto em benefício de fórmulas, *proclama a libertação das regras* (GOTLIB, 2004, P. 61).

Apesar da criação de uma teoria que tenta explicar o que é o conto e o seu funcionamento, não existe um consenso de todos os teóricos em relação ao gênero senão o de sua complexidade. Outro ponto comum e que pode ser considerado como causa da desconsideração desse tipo de texto no meio acadêmico é sua constante comparação com o

romance como se aquele fosse alguma forma inferior deste. Entretanto, a historiografia literária brasileira registra uma tradição de escrita contista.

O maior nome na literatura brasileira, Machado de Assis, por exemplo, escreveu mais de duzentos contos, sendo um dos maiores contistas. No período compreendido entre os anos de 1880 e 1910, além de Machado de Assis, outros escritores publicaram seus contos como *Maria sem tempo* e *A calça de Manoel Dias*, do autor Domício da Gama; os contos *Noivo e Gasto*, de Pardal Mallet; *A morte da velha* e *O futuro presidente*, de Júlia Lopes de Almeida; *A papagaio*, *História rústica* e *Mestre de redes*, de Virgílio Várzea; *A morte da avó* e *O caso do sargento*, de Arthur Teófilo; *Praga*, de Coelho Neto; *Início e Ilusão morta*, de Carmen Dolores; *O fonógrafo* e *Uma partida de pôquer*, do autor Garcia Redondo.

Também no decorrer de todo o século XX vários autores aventuraram-se na escrita do conto como Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, Jorge Amado e Rubem Fonseca. Entretanto, foi a partir da década de 70 que o gênero se tornou mais presente, nesse sentido Antônio Cândido e Fábio Lucas concordam que a narrativa curta predominou nos últimos decênios do século XX (GOMES, 2005, p. 42). Nesse contexto situa-se Edilberto Coutinho que, como figurava na reportagem de Jorge de Souza Araújo para o Jornal do Brasil de 14 de Janeiro de 1978, costumava declarar *Eu sou meus contos* (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 2). Na mesma publicação, afirma-se a respeito de Edilberto Coutinho que *se impõe como leitura para quem aprecia o revigoreamento do conto brasileiro atual e a boa técnica da narrativa curta* (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 2).

Em relação a sua preferência pelo conto e a estrutura narrativa do gênero o escritor paraibano pronunciou-se da seguinte forma:

Gosto de escrever contos. Acho o conto uma forma intensa de comunicação literária, e penso que através do gênero posso dizer tudo o que pretendo. Mas, quem sabe? Talvez um dia sinta necessidade de escrever um romance. Aliás, alguns contos de *Maracanã, adeus* são bem longos, quase novelas (JORNAL DO BRASIL)¹

Partindo das afirmações de Edilberto Coutinho, pode-se traçar uma linha de pensamento sobre como o autor entendia o gênero conto. Para ele, assim como Poe, o conto é um texto intenso cuja elaboração exige rigor para que se atinja um objetivo esperado. Contudo, o contista nordestino parece não incomodar-se com regras fixas que prescrevam o

¹ Pesquisa realizada na Hemeroteca Digital Brasileira

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=Maracan%C3%A3,%20Adeus.

modelo ideal de conto, pelo contrário busca inovações não se sentindo aprisionado a um limite espacial. Conforme afirmação do próprio autor, alguns contos do livro *Maracanã, adeus* excedem o tamanho convencional, parecendo novelas em um sentido estrito da palavra.

È possível afirmar que a escolha do autor em relação ao gênero conto foi feita de forma precisa uma vez que, segundo o autor, é um texto que permite o alcance de suas pretensões enquanto ficcionista. Em outras palavras, é um estilo de narrativa que apresenta um potencial maior de transgredir os seus limites englobando outras categorias de escrita sem que haja ruptura na intensidade da leitura permitindo diversas experiências com a língua. Como afirmam René Wellek e Austin Warren em *Teoria da Literatura: Em parte, o bom escritor observa o gênero tal como este existe e, em parte, estende-o, dilata-o* (WELLEK & WARREN, 1976, p. 294).

A coletânea de contos produzida por Edilberto Coutinho corresponde a seu conceito literário, pois apresenta incrível força dialógica, além de uma variação estilística notável e *quando existe uma vontade consciente de representar uma variedade de estilos, estabelece-se sempre uma relação dialógica entre eles. Esta inter-relação não se presta a uma compreensão puramente linguística (ou mecânica)* (BAKHTIN, 1992, p. 339).

Na visão de Bakhtin, a escolha de um gênero tem muita importância já que *Os gêneros (tanto da literatura como da língua), ao longo dos séculos de sua existência, acumulam as formas de uma visão do mundo e de um pensamento* (BAKHTIN, 1992, p. 365). Seguindo a teoria bakhtiniana, afirmar que a escolha de Edilberto Coutinho pelo gênero conto parte de uma visão de mundo do autor paraibano e de um pensamento a respeito da língua e da literatura é bastante coerente.

CONCLUSÕES

Através da pesquisa realizada sobre o livro de contos *Maracanã, adeus* pode-se afirmar que Edilberto Coutinho é um dos melhores escritores da literatura brasileira. Apesar de ainda pouco conhecido no cenário nacional, sua precisão no uso das palavras compara-se ao desempenho dos maiores nomes da prosa em língua portuguesa.

O esporte e, em especial, o futebol receberam nas páginas de *Maracanã, adeus* um ato de valorização sendo reconhecidos como temática ficcional, principalmente no cenário brasileiro em que o futebol participa ativamente enquanto componente cultural. Antes de tudo, o brasileiro é um apaixonado por futebol e por algum tempo os estudos acadêmicos ignoraram este fato impossibilitando-o de sofrer as análises culturais e literárias pertinentes. Todavia, com a valorização dos estudos culturais a partir da última década, torna-se possível atribuir a devida importância a essa temática que parece proscrita, mas que já estabeleceu um cânone próprio do qual faz parte o livro de Edilberto Coutinho.

Os contos estudados nesta dissertação precisam ser conhecidos do público leitor em geral, contudo principalmente dos profissionais de Letras uma vez que são reconhecidos internacionalmente através de premiações como no *Prêmio Casa de las Américas* e de traduções para diversas línguas. E também por que contêm elementos necessários para sua permanência como literatura viva. Os textos, apesar de sua instância mimética, conseguem desempenhar um papel atemporal enquadrando-se de maneira ímpar no momento atual, além de recuperar através de releituras do passado várias características das culturas arcaicas como o mundo grego e romano que apresentavam forte influência esportiva.

O futebol, devido ao seu caráter simultaneamente lúdico e competitivo, resgata esses mesmos caracteres de origem antiga e os traz para o cotidiano do brasileiro. O sentimento agonístico faz parte do impulso emocional latino tornando o torcedor de futebol em um apaixonado. As narrativas construídas pelo contista apropriam-se desse momento de explosão para retratar a cultura de massa no esporte nacional. Nelas surgem o processo consumista, a força midiática, as apostas lotéricas, o coro em delírio pelos ídolos e também em vaias e xingamentos de revolta. O homem é desumanizado quando passa a ser tratado como mercadoria, objeto manipulável com o qual se faz o que quer. O jogador é vendido, emprestado, dispensado e nesse processo estão todos os que participam do jogo da vida.

Os textos tratam da temática do futebol, mas enquanto metáfora para a vida diária. As histórias mostram os dilemas enfrentados por diversas camadas da sociedade. Os conflitos psicológicos são apresentados com a intimidade comum de quem conhece o ser humano e apresenta-o artisticamente. Cada narrativa conduz o leitor a um personagem tipo que pode ser reconhecido no mundo empírico.

Outra característica de *Maracanã, adeus* é denunciar os desmandos e a violência do Regime Militar no Brasil, assim como é possível observar nos contos um conceito de poder que pode ser relacionado à forma como Michael Foucault trata o tema em *Microfísica do Poder* e *Vigiar e Punir*. O poder, onipresente, múltiplo e disseminado pelo corpo social, que não é entendido enquanto objeto possuído e sim como uma força de qualquer natureza que se exerce em determinada circunstância. Logo, os textos apresentam o poder de Estado, entretanto apresentam conjuntamente o poder da cultura de massa nas mídias, o poder paralelo e, até mesmo, o poder do homem comum que protesta, que desenvolve uma reação de contracultura.

Dessa forma, Edilberto Coutinho construiu consciente ou inconscientemente no conjunto das narrativas uma estrutura antitética seguindo um modelo barroco de escrita opondo toda a beleza do jogo e a paixão do torcedor na sua atividade lúdica à opressão de um período histórico em que os direitos individuais foram suprimidos em prol da chamada segurança nacional. Os textos demonstram um autor contrário a todas as formas de autoritarismo existentes na sociedade.

Inclusive, dentre as leituras cabíveis de *Maracanã, adeus* destaca-se a luta do escritor contra o poder da língua e do comportamento literário convencional. Os contos apresentam grande riqueza de recursos estilísticos, lingüísticos e literários provocando intensa diversidade estrutural de uma narrativa para outra. A escrita de Edilberto Coutinho surpreende o leitor a cada instante não permitindo a este distração ou monotonia durante a leitura. Para o contista, a literatura não pode obedecer a regras, a normas do bem escrever, antes precisa tomar um compromisso de subversão ao ordinário e comum.

A fim de cumprir com seus objetivos enquanto ficcionista Edilberto adota o gênero conto uma vez que lhe possibilita organizar o texto de diferentes formas, construir diversas estruturas narrativas e pôr em prática um conceito literário particular. Cada texto apropriou-se de recursos literários e lingüísticos diferentes realizando uma relação dialógica com outros textos. Simultaneamente essa relação é fortalecida pelo discurso indireto livre permitindo-se que os personagens intercalem-se com o narrador na ação de contar a história. De sorte que se

trata de uma leitura representativa em relação ao tema e ao gênero literário e esse é um motivo que aponta para a necessidade da realização de mais estudos em relação ao autor.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio. Notas sobre o futebol como situação dramática. In: BOSI, A. (Org.). *Cultura Brasileira: temas e situações*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2010. p. 151-166.
- ALMEIDA, L. S. Imperial power and politics in the oficial entertainment. *Clássica*, São Paulo, USP, v. 9/10, n 9/10, p. 132-141, 1996/1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BENJAMIN, Walter. Sobre conceito de História. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: _____. *Obras escolhidas*. v. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232. Disponível em: <http://www.antivalor.kit.net/textos/frankfurt/benjamin_01.htm>.
- BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. v.1.
- _____. *Mitologia grega*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 2.
- _____. *Mitologia grega*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 3.
- CÂNDIDO, Antônio. *Sociedade e cultura: estudos de teoria e história literária*. 11. ed. [Rio de Janeiro]: Ouro sobre Azul, 2010.
- CASTRO, Lúcio de. *Memórias de chumbo: Brasil*. Produção Espn Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cViE1fZ3tzA>>. Acesso em: 02 jun. 2014.
- CASTRO, R. (Org.). *Nelson Rodrigues: o melhor do romance, contos e crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CEIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=700&Itemid=2>. Acesso em: 31 maio 2014.
- COMPAGNON, Antonie. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- COUTINHO, Edilberto. *A imaginação do real: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

COUTINHO, Edilberto. *Amor na boca do túnel*: antologia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

_____. *Criaturas de papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980a.

_____. *Maracanã, adeus*: onze histórias de futebol. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980b.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANDT, A. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

EIKHENBAUM, Boris. Sobre a teoria da prosa. In: TOLEDO, D. de O. (Org.). *Teoria da Literatura: Formalistas Russos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. p. 157-168.

FAUSTO, Bóris. *Regime militar*: história do Brasil por Bóris Fausto. Enviado por Educarargentina, Youtube, 2002. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=Gqn5QRKYK-4>>. Acesso em: 04 set. 2012.

FIFA. *History of football*: Britain, the home of football. Disponível em:
<<http://www.fifa.com/classicfootball/history/the-game/Britain-home-of-football.html>>. Acesso em: 6 mar. 2014.

FIFA. *History of football*: opposition to the game. Disponível em:
<<http://www.fifa.com/classicfootball/history/the-game/opposition-to-the-game.html>>. Acesso em: 6 mar. 2014.

FIFA. *History of football*: the global growth. Disponível em:
<<http://www.fifa.com/classicfootball/history/the-game/global-growth.html>>. Acesso em: 6 mar. 2014.

FIFA. *History of football*: the origins. Disponível em:
<<http://www.fifa.com/classicfootball/history/the-game/origins.html>>. Acesso em: 6 mar. 2014.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

_____. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. Trad. de Raquel Ramalhete. 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GAGÉ, J. La mystique Impériale et l'épreuve des jeux. Commode – Hercules In: *Ausfstieg und Nierdergang der Romischen Welt II – Principat – 17.2 – Religion*. Berlin: Walter de Gruyter, 1986. p. 662-683.

GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard (Org.). *Norbert Elias*. A política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GOMES, Maria Raimunda. *A ficção brasileira pós-64*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005.

GOTLIB, Nádía Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2004.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAEGER, Werner. *Paideia*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JUVENAL. *Satyres*. Texte établi et traduction par Pierre Pabriolle et François Villeneuve. Paris: Les Belles Letres, 1947.
- KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1989.
- LESSA, Fábio de Souza. O esporte como memória e festa na Hélade. In: LESSA, F. de S.; BUSTAMANTE, R. M. da C. (Org.). *Memória e festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 327-334.
- LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.
- MAGALHÃES, L. G. *Histórias do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.
- MARINHEIRO, Elizabeth; COUTINHO, Edilberto. *O compromisso do escritor*. Paraíba: A União Cia. Editora, 1983.
- MILLARCH, Aramis. *Os contos de Coutinho e Rangel para os poloneses*. Estado do Pará, Pará, Tablóide, 1980, p. 7. Disponível em: <<http://www.millarch.org/artigo/os-contos-de-coutinho-rangel-para-os-poloneses>>. Acesso em: 02 set. 2012.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- MURAD, M. Jogos Olímpicos e política. In: MELO, V.A.; PERES, F. *O Esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- QUINT, Anne-Marie. *Le Conte em Langue Portugaise*. Paris : Presses de la Sorbonne nouvelle, 1999. (Cahier; 6). Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=nLpVrITde90C&oi=fnd&pg=PA7&dq=Maracan%C3%A3,+Adeus&ots=t8xnlblloh&sig=MSawgmyC7YBLnMRf9oXDAhPEWpc#v=onepage&q=Maracan%C3%A3%2C%20Adeus&f=false>>. Acesso em: 04 set. 2012.
- RIBEIRO, Darcy. *Teoria do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SÁ, F.; MUNTEAL, O.; MARTINS, P. E. (Org.). *Os advogados e a ditadura de 1964: a defesa dos perseguidos políticos no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.

SÁ, Jorge de. *Edilberto Coutinho: o espaço do jogo*. João Pessoa, PB: Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, 1984.

SALES, H. (Org.). *Antologia de Crônicas*. São Paulo: Ediouro, 2010.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: _____. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2002.

SANTOS, J. F. dos. (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

SEIXAS, R. da S. (Org.). *O melhor da crônica brasileira I*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SILVERMAN, Malcom. *O novo conto brasileiro*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SILVA, Amós Coelho da. Os jogos e as instituições sociais em sociedades arcaicas e primitivas. In: LESSA, F. de S.; BUSTAMANTE, R. M. da C. (Org.). *Memória e festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 157-164.

SUÉTONE. *Les douze Cézars*. Texte traduit par Maurice Rat. Paris: Garnier, [19--]. 2v.

TÁCITE. *Annales*. Texte établi par Jean Pierre Wullienier. Paris: Les Belles Letres, 1978.

TROUCHE, André. *América: história e ficção*. Niterói, RJ: EdUFF, 2006.

TUBINO, Manoel. Pesquisa e análise crítica sobre o conceito atual das manifestações esportivas. In: TUBINO, M. (Org.). *Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010.

VERNANT, Jean-Pierre. O indivíduo na cidade. In: VEYNE, P.; VERNANT, J-P.; DUMONT, L.; RICOEUR, P.; DOLTO, F.; VARELA, F.; PERCHERON, G. *Indivíduo e poder*. Lisboa: Edições 70, 1987.

VILAÇA, Marcos Vinícius Rodrigues. *Chá e Futebol*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5763&sid=574>. Acesso em: 21 abr. 2013.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Europa-América, 1976.

Referências relativas a textos retirados de jornais e revistas deram-se a partir de pesquisa à Hemeroteca Digital Brasileira.

APÊNDICE

Edilberto Coutinho (1938 – 1995) nasceu em Bananeiras, estado da Paraíba, e atuou como contista, ensaísta, professor universitário e jornalista, além de em 1956 concluir o curso de Direito na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Escreveu em vários jornais e revistas no Brasil e tornou-se correspondente do Jornal do Brasil e da Revista Manchete na Europa e depois, nos Estados Unidos, para os jornais associados O Jornal e O Cruzeiro.

Ao longo de sua carreira como escritor e jornalista recebeu vários prêmios: através do livro *Contos – II* lançado em 1957 foi premiado em concurso nacional instituído na Bahia e, em 1977, recebeu uma premiação com o texto *Tarefas* no Concurso Nacional de Contos Eróticos da revista Status. Em 1981, ganhou da Academia Brasileira de Letras o *Prêmio Assis Chateaubriand de Jornalismo Literário* pelo livro *Criaturas de Papel* e no mesmo ano recebeu mais dois prêmios: um internacional, o *Casa de las Américas*, de Havana, como melhor livro de contos da América Latina pelo livro de contos *Maracanã, adeus*, que também foi contemplado pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio *Afonso Arinos* de melhor livro de contos publicado no Brasil nos anos de 1979 e 1980. Também com *Maracanã, adeus*, em 1986, obtém a primeira colocação no Grand Prix de la Traduction de Cultura Latina, realizado em Paris, ao ser traduzido para o francês.

Além desses textos Edilberto Coutinho também escreveu *Onda boiadeira e outros contos*, de 1954; *Erotismo no romance brasileiro; anos 30 a 60*, de 1967; *Rondon e a integração amazônica*, de 1968; *Rondon, o civilizador da última fronteira*, de 1969; *Presença poética do Recife*, de 1969; *José Lins do Rego*, de 1971; *Um negro vai à forra*, de 1977; *Sangue na praça*, de 1979; *O romance do açúcar; José Lins do Rego, vida e obra*, de 1980; *Memória demolida*, de 1982; *O jogo terminado*, de 1983; *A imaginação do real*, de 1983; *Zé Lins: Flamengo até morrer*, de 1984; *Grandes clubes do futebol brasileiro: nação rubronegra – volume I*, de 1990; *Amor na boca do túnel*, de 1992; além da obra póstuma *Bar Savoy*, de 1995.

Em 1981, concluiu o doutorado em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), defendendo a tese *A Ficção do Real em Gilberto Freyre*. Faleceu em Recife, no ano de 1995.